3 1761 07043072 3

Alfredo Pinto (SACAVEM)

Scenas d' Aldeia

PQ
9261
P56S24

LISBOA - 1905

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/scenasdaldeiacom00pint

A. DAVID
LISBOA

SCENAS D'ALDEIA

Do mesmo auctor

Libretto da oratoria *Jesus e a Samaritana.*

EM PREPARO:

Medalhões artisticos (enchiridion biographico).

Dramas do coração (Beethoven, Berlioz e Wagner).

Algumas palavras sobre a musica no Japão e na Russia.

Pequena historia da musica.

ALFREDO PINTO (SACAVEM)

Scenas d'Aldeia

COM UMA INTRODUCÇÃO EM VERSO
POR JOÃO OSORIO

Typogr. A PUBLICIDADE
R. do Diario de Noticias, 147-151

LISBOA — 1905

PQ
9261
P56S24

LIBRARY
JUN 6 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

Para o teu primeiro livro:

Aldeias de Portugal

Nas aldeias serenas e dispersas
Neste lindo paiz abençoado,
Ha muitas almas em pezar immersas,
Ha muito coração angustiado!

É o filho que a sorte não livrou,
O marido que bébe e não trabalha,
O mal no gado .. o campo que seccou...
É a meza do pobre sem migalha!

E que dramas d'amor desconhecidos!
Ó vida sem ventura e sem encanto!
Quantas vezes nos mentem os sentidos!
Quantas vezes o riso encobre o pranto!

Mont'Estoril, 1905 João Osorio

Julia do Moinho

«Quand je dors, tu veilles dans l'ombre;
Tes ailes reposent sur moi;
Tous mes songes viennent de toi,
Doux comme le regard d'une ombre

LAMARTINE

PRIMEIRA PARTE

I

A pequena aldeia do *Valle* no seu massiço de verdura, com as casitas muito caiadas de branco, assemelhava-se a um ninho de fadas encantadas.

A primavera já tinha matisado com o seu divino pincel toda a natureza enchendo-a de flôres de variegadas côres; as arvores, cheias de folhas verdes, recebiam com alegria os dourados raios do sol.

O prior da freguezia, mais conhecido pelo padre Jeronymo, subia a estrada que serpeava um pequeno outeiro cheio de vinhas e que dava ingresso a um moinho e a uma pequena casa, já um pouco distantes da aldeia.

O padre Jeronymo era querido de todos; natural d'aquelles sitios, logo que completou o curso no seminario tratou logo de arranjar aquella freguezia que elle conhecia desde os tenros annos da sua infancia.

Montado em uma burra russa, comprada na feira de agosto do anno anterior, percorria todos os logarejos, onde a sua palavra melliflua dava conforto aos tristes, e das suas economias distribuia esmolas aos indigentes.

Todas as manhãs, logo depois de dizer a missa, tomava a direcção do moinho, para dar sempre os bons dias á sua afilhada Julia, filha unica de Thomé da Cruz.

Pois apesar da manhã estar bastante quente, o padre Jeronymo arrostava com tudo, não queria deixar um dia sem lhe ir dar os bons dias. Ainda elle vinha ao longe na estrada, já Julia o avistava da janella, correndo logo á porta para lhe beijar a mão.

Julia era um verdadeiro typo de rapariga do campo, cabellos pretos ondeados, grandes olhos negros, seios desenvolvidos que mostravam ser de uma mulher já feita. Quando se ria deixava vêr uns dentes muito brancos emoldurados por uns labios vermelhos que davam ao rosto uma expressão de sinceridade, de franqueza.

—O meu padrinho por um calôr d'estes! Olhe que lhe póde fazer mal! Disse Julia puxando pelas redeas da burra e segurando-as a uma argola que estava ao lado da porta.

—É para que vejas o que uma afilhada é capaz de conseguir, disse o padre Jeronymo sorrindo-se.

—Obrigada, meu padrinho, serei sempre, sempre grata, disse Julia com um sorriso cheio de pureza e mocidade.

—Teus paes bons, como sempre?...

—Bons, graças a Deus; o pae sahiu hoje mais cêdo, recebeu uma carta e foi para a quinta do *Alpendre* logo de manhãsinha e ainda não vultou.

—Uma carta?!

—Talvez minha mãe lhe possa responder. É melhor entrarmos, disse Julia empurrando a porta por uma grande aldraba de ferro ferrugento pelas chuvas dos invernos.

—Dizes bem, dizes bem; hoje o sol parece fogo, agora uma chuvinha fazia muito bem aos campos

—Deus a mande.

Emquanto Julia subia a estreita escada que deitava para o pavimento superior, pela mente do padre Jeronymo passavam rapidas as imagens dos annos passados; quando sentava Julia no cóllo, como lhe beijava os cabellos, como ella ficava contente quando lhe trazia brinquedos comprados na cidade. «*Tempos, tempos, como tudo corre n'este mundo, e muitas coisas para jámais voltarem!*» disse o padre Jeronymo pensando alto.

Julia e a mãe desciam a escada, e o padre Jeronymo ainda permanecia absorto, alheio a tudo...

—Desculpe a demora, *sr*. padre Jeronymo, disse Joanna ainda da escada.

—Deus lhe dê muito bons dias.

—Egualmente *sr*. padre Jeronymo; o Thomé não está cá, recebeu uma carta do *sr*. D. Alvaro, o filho da sr.ª D. Josepha e foi logo para a quinta.

—Talvez algumas ordens...

—Se eu tivesse aqui a carta mostrava-a ao sr. padre Jeronymo, mas o meu homem levou-a....., escreveu para lhe preparar a casa, porque

muito breve virá para a quinta mais a mãe.

—São ideias da D. Josepha, para affastar o filho de Lisboa, que, segundo creio, leva por lá uma vida bem pouco sã. Cada vez estou mais convencido que a capital arruina a mocidade, noites perdidas, theatros, ceias; uma constante ociosidade, arruina o corpo e tira a pureza á alma.

—*Amen,* disse a Joanna, abanando a cabeça com signal de approvação.

—Gostava um dia de vêr Lisboa, disse Julia com ar risonho.

—São os sonhos dourados de Julia vêr Lisboa! És nova, filha, tens ainda muito tempo diante de ti.

—Queres ir comigo? Com o teu padrinho?

—Quem me déra! Tenho muita vontade de vêr aquellas lojas muito grandes, com muitas luzes...

—Um dia quando mal pensares venho aqui logo de madrugada buscar-te, fica isto combinado?

—O teu padrinho enche-te de mimo.

Como a hora do almoço se approximasse o padre Jeronymo levantou-se e depois de se despedir montou na burra e descendo pela estrada tomou a direcção da aldeia.

Ia contente, a visita á sua afilhada Julia enchia-lhe sempre a alma de alegria.

Desde que deixou o moinho até que entrou em casa, nunca do pensamento desappareceu a noticia da carta e a vinda de D. Alvaro para a quinta do *Alpendre*.

Diante dos olhos, envolta em nuvens brancas via a imagem de Julia que lhe sorria, toda de branco, cheia de flôres de laranjeira. O padre Jeronymo quiz affastar do pensamento aquella imagem, mas era trabalho inutil, a visão persistia continuamente.

Estaria n'aquella visão o futuro de sua afilhada?...

Quando depois da ceia, resava as orações da noite, não se esqueceu de offerecer uma Avé-Maria pela felicidade de Julia.

II

—Bons dias, sr. Thomé.

—Bons dias, sr.ª Josepha, cá pelo moinho a esta hora?!

—Trago-lhe uma carta que meu homem me entregou, para lh'a vir trazer logo de manhã.

—Uma carta?!!

Josepha que era a mulher do homem do correio, abriu uma pequena maleta de couro, tirou uma carta e entregou-a a Thomé.

—É ou não é para si? Disse Josepha mostrando um certo ar de quem nunca se engana.

—É verdade que é, e lendo o subscripto:

«Sr. Thomé da Cruz»
«ALDEIA DO VALLE»

—Eu bem lhe dizia, disse Josepha abanando a cabeça, não é preciso mais nada?

—Não é, disse Thomé da Cruz abrindo o subscripto.

—É verdade, como está a menina Julia e a *sr.ª* Joanna?

—Estão boas, graças a Deus.

—Então até logo *sr.* Thomé.

—Adeus, até logo.

Thomé da Cruz sentou-se n'um banco á porta do moinho e principiou a lêr a carta. Como desconhecesse a lettra foi vêr a assignatura e qual não foi o seu espanto quando viu o nome de «Alvaro Barreto».

A carta era a seguinte:

«Sr. Thomé da Cruz

«Esta minha carta tem por fim avisal-o que minha mãe resolveu mudar a sua residencia de Lisboa para a quinta do *Alpendre*. Por isso peço-lhe para que arranje o mais breve possivel alguns reparos nos telhados e forrar alguns quartos a papel; emfim o que fôr preciso.

«Peço-lhe tambem para arranjar a bomba do poço; tudo isto que seja feito o mais breve possivel. Minha mãe recommenda-se muito a sua mulher e á Julia.

«Até breve.

Alvaro Barreto.»

Quando Thomé da Cruz terminou a carta pensou que a sua vida talvez mudasse, e pela mente do pobre velho passou-lhe a ideia de vir a ser caseiro da quinta e viver assim tranquillo em companhia de Joanna e da filha... e se Julia cahisse nas boas graças da D. Josepha?

Thomé da Cruz ficou uns instantes pensativo, e depois como accordasse d'um sonho disse alto: «que doidice a minha» e começou a fazer pausadamente um cigarro.

A Joanna vendo a porta do moinho aberta foi fechal-a, quando se encontrou com Thomé.

—Em que estás a pensar?

—Sabes, a D. Josepha mais o filho vem viver para aqui; recebi agora mesmo uma carta de D. Alvaro.

—Então a mãe que gostava tanto de viver na cidade vem agora para aqui?! Temos partida do filho.

—Que edade terá elle agora?

—Espera, eu te digo, deve andar pelos trinta.

—Então já tem edade de ter juizo.

—O mau é nascer sem elle.

—Dizes bem, mulher...

—Mas a carta o que diz?

—Manda-me arranjar os telhados, forrar alguns quartos a papel, arranjar a bomba do poço, o que fôr preciso.

—Então bem pódes tratar d'isso hoje.

—Vou já para lá, passo pelo Antonio barbeiro, para vêr se tem agora peças de papel, e combinarmos para

elle lá ir á quinta; olha vae buscar as chaves do portão e da casa que estão n'um prégo por cima da arca.

D'ahi a meia hora Thomé da Cruz, ia a caminho da quinta do *Alpendre*.

Momentos tinham passado quando Julia avistava o padrinho na estrada, tendo então tido o padre Jeronymo conhecimento da carta como os leitores já viram no primeiro capitulo.

III

Thomé da Cruz era um d'esses homens que raras vezes se encontram nos tempos d'hoje. Via todos os negocios pelo lado da honradez, desejando que o seu nome e o da sua familia fosse sempre puro da mais pequena mancha.

Thomé da Cruz era pobre? mais uma razão para ser imitado. A pobreza é uma aureola de luz que Deus deu ao homem para lhe illuminar o pensamento e fazer nascer n'elle a vontade do trabalho, e é pelo trabalho que as almas se purificam e adquirem a independencia que necessitam.

Ao seu moinho e a uma modesta casa que lhe servia de habitação ha trinta e trez annos, tinha-lhes tanta amisade como se fosse um grande pa-

lacio. A sua filha Julia, o maior enlevo da sua vida, enchia-lhe de luz os raros dias que Thomé da Cruz tinha assombreados pelas côres escuras da tristeza. Nas noites de inverno, de frio e chuva, quando o vento sibila, e os troncos dos pinheiros rangem assemelhando-se a gargalhadas de bruxas, todos trez á lareira formavam um quadro digno de ser visto por um grande artista, que soubesse traduzir os sentimentos puros d'aquellas almas, limpidas como as aguas que brotam das rochas.

Julia lia algumas paginas d'um romance em voz alta para os paes ouvirem, mas quando reparava que os bons velhos tinham adormecido, punha uma pequena marca de papel e collocava o livro em cima d'uma arca de pau santo com grandes ferragens. Todos no logar veneravam esta santa gente e eram tão bons que as más linguas do soalheiro não ousavam tocar-lhes.

Julia tinha 19 annos, estava na edade em que os olhares seguem o pensamento do coração, sentiu-se prender pelos laços fortes d'um amor verdadeiro; encontrou um rapaz que sabia corresponder ao seu affecto.

Natural do logarejo gozava de boa fama e não tinha invejosos, sabia viver com todos e não se dava com ninguem!

Foi á sahida da missa do gállo do anno findo que os primeiros olhares se trocaram. Conheciam-se já desde pequenos, mas nem Manuel, era este o nome do rapaz, nem Julia, tinham sentido até ahi o mais pequeno sentimento d'amor.

Manuel era um d'esses caracteres timidos que se encontram devorados pelas brazas da paixão, mas em que os labios não podem pronunciar as palavras dôces do amor, nem dizerem quanto soffrem, amando...

Foi na vespera do Natal; a pequena egreja cheia de luzes, estava vestida de gallas para receber Jesus que, já no seu berço de pau santo, que o padre Jeronymo tinha comprado, era beijado por todo o povo cheio de uncção e respeito.

A noite estava clara e limpida, um luar de prata distribuia sombras phantasticas pelo pequeno adro, onde dois grandes platanos, serviam de ornamento á frente da egreja.

A' sahida da missa duas filas de rapazes da aldeia formavom álas

desde a porta da egreja até aos degraus de pedra que ligavam o adro á estrada. Queriam vêr se as moçoilas teriam ido garridas ou não.

Julia, com o seu vestido preto e lenço de seda branco, presente dado por Thomé da Cruz quando ella fez 19 annos, sahiu da egreja em companhia de Joanna e de Thomé. Todos a cumprimentaram e Julia com um sorriso nos labios correspondia amavelmente.

Manuel olhou para ella, e uma força mysteriosa, laço invisivel que liga duas almas, nasceu d'esse olhar que Manuel lhe lançou e que Julia percebeu, como mulher que era!

D'ahi a tres noites, quem passasse proximo da casa, veria um vulto encostado á parede, e uma pequena janella que ficava por cima da porta, e que d'antes estava fechada, permanecia agora aberta até altas horas da noite.

Esse vulto não era senão o Manuel; mais uma vez o amor traçou o destino de duas creaturas...

IV

Era uma d'essas noites escuras em que a abobada celeste matizada de estrellas tremulas e brilhantes servia de manto á terra, que permanecia sob um veo mysterioso de tranquilidade e silencio. Manuel, á hora marcada, lá estava todas as noites a fallar com Julia, mas n'esta noite Manuel estava triste, fallava pouco, parecia que uma sombra de profunda tristeza lhe cobria o rosto.

—Que tens tu hoje? disse Julia, meia tremula, como se o coração a avisasse d'alguma coisa, estás zangado comigo?

—Não Julia, não tenho nada, nem todas as noites são para nós eguaes.

—Meu amor, hoje... tens alguma coisa que te dá cuidado. E' o meu coração que me diz. Leio no teu rosto, porque não és franco comigo?!

—Recebi hoje uma carta que me deu tristeza...

—Meu Deus, que será!? Anda, dize.

—Ha tão pouco tempo que nos namoramos, e infelizmente tenho que me separar de ti tão repentinamente!

E' esta a ultima noite que te fallo, Julia.

—Mas o que foi? disse Julia ja com a voz embargada pelas lagrimas.

—Como sabes, anda guerra nas africas, e foram chamadas agora as segundas reservas, calhou-me agora a minha vez, tenho que partir para bem longe, minha Julia.

—Fico sem ti, não é verdade?!

—Por alguns annos, talvez. Quantos? Não sei... cada oração que resar será sempre por ti, cada lagrima que tiver será de saudade pelo meu amor. Não chores, então, Julia,... causo-te saudades?

—Muitas... morro de dôr...

—Se eu morrer poderás estar certa que de bem longe te direi adeus.

—Que desgraçada que eu sou!! Quando julgava que nunca haveria sequer uma separação, vem logo uma de tantos annos! Porque as guerras duram muito, não é verdade?!

—Se duram!

—Peço-te que juremos fidelidade um ao outro.

—Sim Julia, juro, serei teu marido até á morte.

—Como és bom! Se soubesses o bem que me fizeste n'este teu jura-

mento! Terei, pensando n'elle, maior coragem para poder soffrer a saudade. Eu juro tambem.

—E' hoje a ultima noite que te fallo antes de partir. Amanhã, logo ao romper d'alva, partirei; passarei ainda por aqui para te dizer adeus.

—Aqui estarei... como sou infeliz!

Foi curto o dialogo, mas resumia as dôres de duas almas que se amam, e quando as dôres são sentidas verdadeiramente, bastam poucas palavras para as poder exprimir.

Julia toda a noite pouco dormiu, sonhou com guerras, mortes, via rios de sangue, Manuel varado pelas balas, quasi a morrer!

Quando acordava, chorava muito, muito, como chora uma mulher que ama!

Quando os primeiros clarões da madrugada começaram a apparecer, Julia, ainda vestida da vespera, saltou da cama, desceu a escada, tirou a tranca, abriu com o maximo cuidado a porta e esperou.

Foi curta a despedida; Julia consentiu que Manuel lhe désse o primeiro beijo d'amor, que durou apenas um segundo, mas que foi como uma

benção celeste sobre aquelle amor tão transparente como as aguas d'um regato.

Quando Julia entrou de novo no seu quarto, purificou a saudade com lagrimas, e uma nova esperança veio alegrar o seu coração, quando de joelhos deante d'um pequeno retabulo da Virgem, resou por elle, só por elle...

V

A casa do padre Jeronymo ficava na aldeia, proxima da egreja. Era uma pequena casa de modesta apparencia, sempre muito caiada, traduzindo perfeitamente o tranquillo viver do seu proprietario. Para a rectaguarda tinha uma grande latada, seguido-se uma horta, sempre abastecida de boas hortaliças, e um pequeno campo de oliveiras que eram o enlevo do padre Jeronymo.

Era debaixo da latada que o padre Jeronymo, sentado em uma ampla cadeira de verga, lia pausadamente o *Eurico,* de Herculano, que sabia quasi de cór, e os sermões de Bourdaloue, sua leitura favorita.

Apenas um negro melro de bico côr de ouro, que a velha creada Ma-

ria tinha creado desde pequenino, cantava as suas dôces melodias, tornando o ambiente mais cheio de encanto.

Julia, depois de se despedir do seu querido Manuel, não poude conciliar o somno, tinha mais vontade de estar sempre a chorar que de dormir. Lembrar-se que estaria tanto tempo sem vêr Manuel, era como sentisse estalar o seu coração de profunda saudade! Palavra tão dôce e que encerra tanta lagrima!

O almoço em companhia dos paes correu na mais profunda tristeza! Thomé da Cruz bem sabia a causa, mas não queria levantar o véo, e Joanna soffria calada a paixão da filha.

Logo que o almoço terminou, Julia foi ao seu quarto poz um lenço e dispunha se a sahir quando a mãe entrou.

—Vaes sahir?! Disse a mãe assustada.

—Vou a casa do padrinho.

—Com este sol?!!!

—Estou tão habituada a andar a elle, que até já me conhece.

A distancia do moinho á casa do padre Jeronymo foi galgada n'um instante.

O sol com todo o seu brilho dava vida aos campos; apenas uma leve aragem fazia tremer ao de leve os ramos das arvores.

Julia vendo cada vez mais proxima a casa do padrinho, sentia o seu coração bater com força.

Bateu á porta. Uma voz lhe responde. Julia reconheceu logo a voz do padrinho.

—Quem é?

—Sou eu, a Julia...

Sentiu uns passos compassados approximarem-se da porta; Julia tremia, como tivesse praticado um crime!

—Entra filha, por aqui a esta hora?!

—E' verdade mal sabe o que me traz aqui...

—Até já te esqueces de me beijar a mão, minha cabecinha de vento!

—Meu padrinho desculpe, disse Julia chorosa a beijar-lhe a mão.

—Ora senta-te aqui ao pé de mim, e desabafa comigo.

O padre Jeronymo puxou por uma grande cadeira de espaldar com coiros lavrados, logar onde sempre dormia todas as tardes, e pegando em uma das mãos de Julia, escutou o que esta tanta vontade tinha de lhe dizer.

—Tem confiança em mim, disse

o padre Jeronymo, sorrindo-se, e desabafa comigo.

—A minha historia é simples, e não é desconhecida em parte por meu padrinho. Como sabe namóro o Manuel.

—O Manuel?!!

—O que móra ao pé da ribeira.

—Bem sei, bem sei... não é novidade para mim. O que me contas já o tinha presentido ha muito; quiz vêr até que ponto chegava a tua loucura.

—Loucura, meu padrinho?!!!

—Sim, loucura, tu não vês como és tratada em tua casa? E's o enlevo de teus paes, se presentirem que tu gostas d'alguem seria para os pobres velhos um grande desgosto.

—Hei de ficar sempre solteira?

—E' a resposta de todas as raparigas. Vocês lêem todas pela mesma cartilha. Ainda és muito nova, precisas conhecer bem a pessoa a quem entregas o teu coração, o casamento é um acto da vida muito sério, não nos devemos entregar para sempre a qualquer...

—Meu padrinho o que vae dizer? Atalhou Julia um pouco tremula. O Manuel é um rapaz digno. Desde que

lhe morreu a mãe, tomou conta das suas fazendas, é elle que as amanha, não deve nada a ninguem, não é rapaz que passe a vida pelas tabernas, emfim parece-me que o meu padrinho nada tem que dizer em mal a seu respeito.

Estas palavras foram ditas com tanta affirmativa, que o padre Jeronymo ficou como pensativo por alguns instantes.

—Tu vês o Manuel atravez da tua paixão; é necessario vêr mais claro, não te cegares pelo primeiro impulso do teu coração; repito, o casamento é um nó que nenhuma thesoura o póde cortar, por isso é bom conhecer o homem que se escolhe para marido, companheiro para toda a vida.

—Por eu o conhecer bem é que fallei assim.

—Bem sei, bem sei, minha filha, demais pouco o conheço, e o que tenho ouvido tem sido sempre em seu abono.

—Então porque não respondeu assim logo ao principio?!

—São rabujices de velho...

O padre Jeronymo teve um sorriso, d'esses que deixam vêr a alma.

—Não são rabujices, não! E' apenas bondade... muita bondade.

—Que tencionas agora fazer?

—Hoje de madrugada partiu para Lisboa, onde embarcará breve para Africa; foram chamadas agora as segundas reservas, por causa da guerra, e como o Manuel era reservista teve que partir; estarei assim annos e annos sem o vêr!

—E tens a *plena* certeza que não serás esquecida por elle?

—Toda a certeza. Juramos fidelidade um ao outro. Jurei perante Deus, ser sempre do meu querido Manuel.

—Comprehendes bem o alcance das tuas palavras?

—Comprehendo que hei de cumprir a minha palavra; tenho fé em Deus para m'o trazer são e salvo, e tenho a coragem necessaria para arrostar todos os obstaculos.

Tudo isto foi dito com tal firmeza de espirito, que o padre Jeronymo ficou sem atinar com uma unica resposta.

O padre Jeronymo conhecia perfeitamente os caracteres humanos, e bem via que Julia era incapaz de não cumprir o seu juramento.

Julia levantou-se e beijando a mão

do padrinho dispunha-se a sahir quando o padre Jeronymo pegando-lhe nas mãos lhe disse:

Janta comigo, minha *andorinha,* já é quasi meio dia...

—Não posso, meu padrinho, tenho minha mãe á espera. Adeus, agradeço-lhe muito e muito os seus bons conselhos.

—Que tem?! Está tão triste!

—Sinto-me velho, minha Julia, receio não poder lançar a minha benção no teu casamento.

—Hoje o padrinho está com ideias tristes, esteja alegre, não pense em coisas que nos trazem sómente tristezas e cuidados. E beijando-lhe a mão sahiu.

O padre Jeronymo abriu a janella para vêr a afilhada, até á curva da estrada.

O sol banhava d'uma luz dourada todo o campo.

Julia lá ia pela estrada fóra, olhando de vez em quando para traz, para dizer adeus ao padrinho que ficára pensativo por algum tempo, até que o relogio deu as doze horas e o padre Jeronymo tomou a direcção da casa de jantar.

VI

A quinta do «Alpendre» ficava um pouco distante da aldeia, cerca d'um kilometro.

Esta quinta, casa de habitação, e todas as suas dependencias, tinha pertencido a um fidalgo D. Jeronymo de Castro e Albuquerque, cujos pergaminhos iam até ao reinado de D. Sancho I, e que tendo perdido toda a fortuna ao jogo foi obrigado a vender a quinta e todas as propriedades adjacentes.

Foi o marido, já fallecido, de D. Josepha Barreto que comprou a quinta, assim como todas as terras. N'esta quinta nasceu D. Alvaro, mas como a educação do filho não se podesse fazer na aldeia resolveram mais tarde mudar a residencia para Lisboa onde haveria bons collegios. Em pouco ficou viuva D. Josepha, e Alvaro mais á vontade dava largas á sua vida de estroina, causando graves desgostos á pobre mãe, que chorava muitas lagrimas, pela vida que o filho levava. Assim se passavam os annos até que D. Alvaro já cançado de Lisboa, propoz á mãe partir para a aldeia para

administrar o que era seu, accedendo a mãe da melhor vontade, e foi esta a causa da carta que Thomé da Cruz recebeu.

Thomé da Cruz muniu-se das chaves e partiu logo para a quinta do «Alpendre».

Um grande portão de ferro dava entrada para a quinta, sustentado por dois grandes pilares de pedra já corcomidos pelo tempo.

Thomé da Cruz, abriu o portão e subiu vagorosamente a grande rua que ia direita á entrada principal da casa, e que era assombreada por frondosas pimenteiras. Subiu a escada de pedra onde um grande alpendre cobria a porta.

Este alpendre, era guarnecido com ricos azulejos de figuras, representando varias scenas biblicas.

Thomé da Cruz, percorreu toda a casa; os telhados não precisavam de reparo, apenas alguns quartos necessitavam ser forrados a papel, as janellas pintadas e a casa caiáda.

Eram duas horas quando Thomé da Cruz sahiu da quinta, os campos de vinha, estendiam-se como uma planicie verde; pequenos regatos como fitas de prata, atravessavam em zig-

zagues aquellas fazendas, dando-lhes uma certa vida, cheia de luz; os melros saltitando de ramo em ramo nos olmeiros, com o seu cantar, enchiam de alegria aquelle meio, aquecido por um sol de primavera. Thomé da Cruz, vinha pensativo, na sua mente as idéas passavam rapidas como relampagos. A D. Josepha tomaria conta de Julia? Como seria feliz! E a figura de D. Alvaro passou pela mente do pobre velho! Thomé da Cruz sorriu-se, os velhos querem lêr no futuro o que a experiencia da mocidade lhes ensinou.

No moinho, Joanna esperava já anciosa a vinda de Thomé, e Julia sentada ao pé da janella cosia nos saccos de farinha; de vez em quando deixava de coser, e olhando para os campos, ficava pensativa, triste, sentindo na alma a saudade do ente querido, sentimento tão puro como uma gotta de orvalho na pétala d'uma rosa.

Quando Thomé da Cruz chegou a casa, pediu logo de jantar.

—Como o pae vem fatigado! Disse Julia mostrando no seu semblante uma certa tristeza.

—Fartei-me de andar, com mil

diabos! Imagina, andar por essa estrada fóra sempre debaixo de sol, correr a casa toda, jardim e a quinta, estou arrazado das pernas! Só o jantar Joanna, disse Thomé a sorrir, me poderá valer; que temos hoje?

—Sopa de pão, sardinhas...

—Oh! mulher, mulher; vamos a ellas, já devem estar promptas.

—Ora ha que tempos.

Joanna foi buscar a sopa, e quando todos trez sentados á meza fallavam da proxima vinda de D. Alvaro, formavam um quadro digno de ser pintado por um artista que soubesse fallar pelas tintas todo aquelle meio de familia, onde reinava a virtude, bafejada por uma brisa dourada, e abençoada pela mão de Deus.

VII

O jantar em casa do fidalgo D. Antonio de Sá tinha corrido animado, sua mulher D. Margarida de Sá estava melhor do ataque de gotta que ha mezes a torturava, e conversava animadamente com o padre Jeronymo sobre receitas de cosinha; a *cavaqueira* generalisou-se e a filha unica dos fidalgos, a D. Marianna, de bocca

pequenina e falla alambicada repetia phrases dos romances de Bourget, seu auctor favorito; sentia um certo prazer em mostrar que sabia fallar francez...

A casa do fidalgo D. Antonio, era das mais antigas d'aquelles arredores. D. Antonio apezar dos seus sessenta e quatro annos, sentia-se bem disposto; desde pequeno habituado ao exercicio da caça, estava sempre bem disposto para os grandes passeios, não se mostrando nunca fatigado, o que causava admiração a todos, até ao proprio padre Jeronymo que lhe dizia muitas vezes: «*se eu tivesse umas pernas assim, não tinha comprado a minha burra*»!

D. Antonio propoz que se tomasse o café no terraço que deitava para o jardim.

Todos annuiram, apenas D. Margarida, que tinha um certo terror pela humidade da noite, ficou na sala sentada na sua grande cadeira de braços.

—Este anno, vamos ter bom vinho, padre Jeronymo...

—Deus o mande, o anno passado foi uma desgraça mas este anno as vinhas estão lindissimas que é um gosto olhar para ellas.

—Como vae a sua afilhada Julia? Disse D. Marianna com um certo ar de desprezo, acompanhado d'um risinho particular que a mulher possue.

—Felizmente bem, agora está um pouco mais magra, e sempre com uma tristeza que me incommoda.

—Trabalha muito, coitada, disse D. Antonio.

—Pelo contrario, quando a vejo mais contente é quando tem mais trabalho; é o braço direito do pae, a mãe coitada já está cançada, pouco pode trabalhar, por isso a lide da casa está a cargo da Julia.

—O sr. padre Jeronymo é muito amigo d'ella!

—Sou, sou; desde pequenina sempre no meu cóllo, enxuguei-lhe as primeiras lagrimas, e senti com ella os seus pequenos desgostos. Quando nos dedicamos a uma alma, passado um certo tempo já faz parte do nosso eu; tenho-lhe mostrado desde pequena o que são as agruras da vida, e aconselhado a trilhar sempre o caminho da verdade, e posso-me encher de orgulho que tem ouvido os meus conselhos, o que já é uma grande consolação.

—O Thomé da Cruz é muito tra-

balhador, e sempre o foi. Disse D. Antonio, tomando o ultimo gole de café.

—Agora anda elle entretido com as obras da quinta do *Alpendre,* a D. Josepha vem viver cá para a aldeia mais o filho.

—Grande novidade nos dá, sr. padre Jeronymo, disse D. Marianna tomando algum interesse, admiro-me que venha viver agora para o campo.

—Alguma loucura maior que o filho praticou, disse D. Antonio sorrindo-se.

O padre Jeronymo que não gostava de fallar das vidas alheias, vendo que a conversa tomava um rumo desagradavel, e como a tarde estivesse amena, lembrou-se que seria agradavel darem um passeio pelos campos.

A proposta foi recebida com alegria, e D. Marianna correu logo á sala a pedir licença á mãe. D'ahi a pouco tempo o fidalgo D. Antonio, padre Jeronymo e D. Marianna sahiram de casa para gosarem o bello ar do campo, illuminado áquella hora pela côr avermelhada do sol que estava prestes a desapparecer.

Era uma d'essas tardes em que a natureza toda verde, desperta em nós um sentimento vago de bem estar; os troncos negros dos carvalhos com

a luz vermelha do sol, assemelhavam-se a grandes carvões que suspensos no ar, davam áquelle quadro campestre um tom phantastico repassado de tristeza que o crepusculo da noite disperta nas almas dos tristes.

Os atalhos floridos, onde os pilrireiros se vergavam á mais leve aragem. o *clach clach* das rans que vinha quebrar o silencio que se tinha seguido á passagem d'uma ave que atravessara os ares piando a caminho do ninho, estes pequenos nadas, são a synthese de uma harmonia que a natureza proporciona a todos aquelles que sabem lêr n'ella o poder do Creador.

O padre Jeronymo, o fidalgo D. Antonio e D. Marianna, iam percorrendo os atalhos, animando a conversa o padre Jeronymo, que fallava em todos os assumptos como homem lido que era.

—E se fossemos ao moinho de Thomé da Cruz? disse o fidalgo D. Antonio.

—Ainda fica longe d'aqui, respondeu o padre Jeronymo, mostrando conhecer bem aquelles caminhos.

—Vamos, vamos, papá, a tarde está tão bonita!

—Vamos até lá, disse D. Antonio.

—Bom, se querem... mas têm que andar!

Quando chegaram ao moinho estava Thomé da Cruz sentado á porta fumando cachimbo, cujas espiraes de de fumo sahiam, desenhando pelo ar fórmas variadas.

O sol cor de fogo, enchia de uma luz triste a paysagem, como annunciando o manto da noite que estava prestes a cahir sobre a terra.

O padre Jeronymo, como o mais intimo d'aquella familia solitaria, foi o primeiro a tomar a palavra.

—Trago-lhe aqui umas visitas, sr. Thomé.

—Deus as traga em boa hora.

—Muito boas tardes, *sr*. Thomé da Cruz, disse D. Antonio amavelmente, querendo dar á phrase um certo tom de popularidade.

—O *sr*. fidalgo por aqui?!! Se querem descançar, offereço-lhes o meu moinho; quem dá o que tem...

—Não é mais obrigado, diz o rifão, e o fidalgo deu um risinho, cujo fingimento se denunciou logo no rosto.

—Eu vou chamar a Joanna e a minha filha Julia, que ficarão muito alegres em vêr os senhores.

D. Marianna, D. Antonio e o padre Jeronymo entraram para o moinho.

Julia foi a primeira a apparecer; trazia um modesto vestido de chita azul-escuro com pintas brancas, que lhe dava um aspecto graciso. Depois de beijar a mão ao padrinho e cumprimentar o fidalgo e a filha, disse;

—Para nós é uma honra esta visita. Foi preciso uma tarde assim, para que viessem visitar este cantinho da aldeia.

—Como é amavel, Julia! disse o fidalgo D. Antonio.

—Não se sente ahi, *sr.ª* D. Marianna; esse banco tem farinha e suja-lhe o vestido.

—Não faz mal, trago o vestido de estar em casa...

—A tua mãe? perguntou o padre Jeronymo.

—Estou aqui, disse a mulher de Thomé da Cruz, que já vinha a descer a escada quando ouviu as palavras do padre Jeronymo.

—Resolvemos, depois d'um grande passeio, fazermos uma visita ao moinho, disse o fidalgo D. Antonio.

—E' sempre uma honra a visita d'um fidalgo.

—Obrigado, *sr.* Thomé.

—Então, segundo nos contou o *sr.* padre Jeronymo, vamos ter visinhos novos?! disse D. Marianna.

—Assim será. D'aqui a poucos dias já a quinta do *Alpendre* estará habitada.

—O papá é visita da D. Josepna?

—Somos. Ainda tu eras muito pequena quando foram viver para a cidade.

—Dizem que o filho está mais socegado, disse Joanna.

—E' de esperar, a prova é querer vir para a aldeia, respondeu o padre Jeronymo, apezar de sentir no seu intimo o contrario das suas palavras.

—Sentirão a falta da cidade; duvido que estejam muito tempo aqui, n'este ermo, disse Julia mostrando uns dentes muito brancos.

—A vida da cidade aborrece passados tempos. Naturalmente o *sr.* Alvaro quer variar de vida. Disse Thomé da Cruz.

—Se gostar de divertimentos tem aqui a caça; para ouvir musica, tem a minha casa ás ordens, onde poderá ouvir bôa musica, tocada por minha filha no piano.

Estas palavras do fidalgó D. Antonio foram ditas com tal convicção,

que pelos labios do padre Jeronymo passou um leve sorriso que traduzia claramente a opinião que o padre Jeronymo formava dos dotes musicaes de D. Marianna.

—O papá esqueceu-se que é quasi noite, disse D. Marianna levantando se.

—A sr.ª D. Marianna está com mêdo... disse Thomé da Cruz.

—Mêdo não, mas bem vê que a nossa casa ainda é bastante longe.

—Vamos, a caminho, disse o padre Jeronymo com ares de commando.

Todos se levantaram, e depois das despedidas do costume, abandonaram o moinho, descendo a pequena encosta que ia ter á estrada, para tomarem então a direcção da casa de D. Antonio.

Estou certo que o leitor já comprehendeu que entre a educação de Julia e de D. Marianna ia um verdadeiro abysmo, nascendo d'aqui uma verdadeira antipathia entre estas duas creaturas.

D. Marianna, desde pequena, habituada a todas as commodidades, desconhecia por completo as luctas da vida, que o trabalho vence, para ganhar o misero sustento de cada dia.

Julia pelo contrario, tinha nascido

em um berço de pobreza, sendo a sua vida um constante labutar.

Para D. Marianna a vida resumia-se sempre no dinheiro, no interesse; para Julia, no trabalho honrado, na virtude.

Qual seria a mais feliz?

A consciencia do leitor responderá, se fôr d'aquelles que acredita na voz da consciencia... Só lhe digo que tendo cavado Deus um abysmo entre estas duas almas, D. Marianna pisou uma estrada de constantes prazeres, que vae sempre ter a um fim cheio de mysterio, ao passo que Julia trilhava um caminho cheio de espinhos, de soffrimento, cujo fim é purificado por uma luz divina, cheia d'amor, cheia de pureza!

Quando todos se retiraram, Thomé da Cruz olhou para Julia e o seu coração fez-lhe pensar: «*a outra terá dinheiro, mas a minha vale mais*» e este pensamento encheu-o de orgulho, d'esse orgulho que os paes sentem quando olham para os filhos que adoram.

VIII

Logo de manhã a Josepha do correio levou a casa do Thomé da Cruz uma carta para Julia. Esta teve logo

um presentimento, porque o coração da mulher que ama está sempre a vibrar advinhando a mais pequena coisa.

Abriu a carta, era do Manuel. O seu rosto contrahiu-se e duas lagrimas deslisaram pelas faces.

A carta dizia assim:

Minha querida Julia

«D'aqui a cinco dias partimos para a Africa. Escrevo-te com o coração cheio de saudades dos dôces momentos que passei comtigo a conversarmos na nossa vida futura. Como tudo passa! Como esta separação me vae custar, minha querida Julia! Talvez annos, Deus o sabe, longe de ti, longe da patria, que tormento horrivel não irá soffrer a minha alma!

Se tenho alguns momentos de alegria é quando penso no teu juramento; as tuas palavras ficaram gravadas bem fundas no

meu peito, parece-me que sinto ainda hoje a tua voz. Desejava ainda ir á aldeia para te dizer adeus, mas é de todo impossivel. Escreve duas linhas antes de eu partir, para as poder lêr durante a longa viagem; serão a minha companhia nas horas de tristezas e saudades.

Como estão, teu pae e tua mãe? Tens visto o teu padrinho?

Adeus, é esta a ultima carta que te escrevo em terras de Portugal; nas tuas orações lembra-te de quem está tão longe de ti e sempre pensando em ti.

Recebe um saudoso adeus do teu querido

Manuel.

Quem nunca amou não pode avaliar o que Julia soffreu durante a leitura da carta. A sua voz tremula, regada por ardentes lagrimas era o espelho da grande dôr que a sua alma soffria! Deixou-se cahir sobre uma cadeira, a chorar, a chorar muito!

A pobre mãe, sentindo a falta da filha, e parecendo-lhe ouvir chorar, foi pé ante-pé á porta do quarto de Julia. Não se enganava. Abriu de vagarinho a porta e entrou. Julia estava tão longe d'aquelle logar que não sentiu entrar a mãe.

—Julia, que tens?!! Disse Joanna cheia de tremor.

—Desculpe, não tenho nada... são coisas que passam pela cabeça da gente...

—Mas sentes alguma dôr?

—Não sei o que tenho...

—De quem é esta carta? disse Joanna agarrando na carta que Julia tinha em uma das mãos.

—Esta carta... é... do... do...

—Do Manuel, para que me queres guardar esse segredo?! Já o sei ha tanto tempo!

Julia, ouvindo estas palavras ditas com tanta misericordia, com tanto amor, sentiu na sua alma uma nova vida; teria para o futuro com quem desabafar, a quem contar as suas dôres, as suas alegrias. Julia contou tudo á mãe, toda a historia do seu primeiro amor, enaltecendo as qualidades de Manoel; quando Julia terminou a singella narração, a mãe chorou tambem.

IX

Sósinha no seu pequeno quarto, illuminado por uma frouxa luz d'azeite, Julia respondia á carta de Manoel.

Meu querido Manuel

Esta minha carta não devia ser escripta com tinta, mas sim com lagrimas para traduzir melhor a minha grande dôr em pensar que me vou separar de ti por tanto tempo! Meu Deus! Como poderei viver sem ti, sem te vêr, sem ouvir a tua voz?!! Para mim a vida será agora um constante martyrio, uma continua saudade. Felizmente tenho agora a minha mãe para poder desabafar; sabes, contei-lhe tudo. Quando estava a lêr a tua carta, entrou de mansinho no meu quarto, e viu-me a chorar. Pódes imaginar como eu fiquei! Perguntou-me de quem era a carta, e eu então resolvi contar-lhe tudo, respondeu-me que já sabia

ha muito; não pódes imaginar com que ar de bondade me disse isto! Chorou tambem, coitada, gosta tanto de mim!!

Peço-te que nunca deixes de cumprir sempre o teu dever, levas o meu coração unido ao teu para te dar coragem.

Nas minhas orações pedirei a Deus sempre por ti, para que voltes breve, para que sejas sempre feliz. Se um dia te passar pela cabeça que me posso esquecer de ti, lembra-te que jurei ser tua, e que tenho a coragem da mulher que ama e que sabe amar, para cumprir o juramento formado. Não posso mais.. falta-me a coragem de poder continuar; o meu coração parte-se de dôr, será a partida d'elle para junto do teu? Deus o sabe!

Recebe um adeus saudoso da tua e sempre tua

Julia

Ficou em um tal estado de excitação nervosa que passou toda a noite levantada, socegando apenas um pouco quando os primeiros clarões da madrugada appareceram na abobada celeste.

X

Duas carruagens subiam a estrada, mais conhecida pelo «caminho dos carvalhos», por ser guarnecida d'um lado e d'outro por estas arvores; como serpeasse um pequeno monte já se avistava ao longe a *aldeia do Valle*. Na carruagem da frente, um *coupé,* vinham D. Josepha e D. Alvaro, e mais atraz em um *charaban* a creadagem.

Já traziam tres dias de viagem e D. Alvaro pouco ou nada habituado a jornadas tão longas sentia-se deveras fatigado.

Olhava para os campos com um certo olhar vago, distrahido, sem ligar a mais pequena ideia áquellas lindas paysagens por onde passava. Seria a saudade da cidade? Não era. D. Alvaro sentiu um grande prazer em abandonar de todo a vida da capital, e dedicar-se completamente á administração das terras que o viram nas-

cer; o que se lia no rosto era a fadiga da viagem a maior parte por subidas muito ingremes, cujo passo cadenciado dos cavallos dava mais vontade de dormir do que sentir prazer em olhar para os campos de vinha que se estendiam d'um e d'outro lado da estrada.

Já se avistava bem a aldeia, lá ao longe no valle.

O sol, ao cahir da tarde, lançava ainda os seus dourados raios sobre as casas da aldeia, illuminando de tal fórma os vidros das janellas que vistos por entre as arvores, assemelhavam-se a outros tantos soes! Era um quadro lindissimo, cheio de vida! D. Alvaro dormitava...

—Alvaro, Alvaro, acorda, já se vê a aldeia, repara que bonita paysagem se vê d'aqui!

D. Alvaro acordou, passou as mãos pelos olhos, e bocejou:

—Já chegámos?

—Não filho, repara como é linda a nossa aldeia.

—Vou perguntar ao cocheiro se falta muito.

—Deve faltar pouco...

—José, ainda falta muito?

—Saiba vossa senhoria que falta

já pouco; vê acolá aquelle moinho além? E' o moinho de Thomé da Cruz; para lá os campos já são da quinta de V. Ex.ª

Quando era já noite escura, a chegada das carruagens fez um certo reboliço nas ruas da aldeia. Todos os postigos se abriam, chegava gente ás portas das vendas de vinho, sentia-se abrir janellas, emfim parecia a chegada d'alguma pessoa real! Em poucos minutos atravessaram a aldeia, chegando d'ahi a pouco á quinta do «Alpendre».

A chegada foi revestida de grande alegria, como geralmente são todas as chegadas. Estavam ao portão o Thomé da Cruz, a mulher e a filha que offereceram flôres a D. Josepha.

— Olha o sr. D. Alvaro como está um homem.

— Então que querias tu, mulher, que elle ficasse sempre menino, disse Thomé da Cruz sorrindo-se para D. Alvaro.

— Os annos passam depressa, Joanna, e a gente faz se velho em um instante.

— Não diga isso, sr. D. Alvaro, disse Thomé, ainda está muito novo.

— Mas doente...

—Verá como estes ares lhe darão saude, olhe que são muito differentes dos da cidade.

Emquanto se trocavam rapidas estas palavras, D. Josepha fallava com Julia.

—Como estás crescida! Uma mulher! Anda, dá cá um beijo, parece-me que t'o posso dar.

—Minha senhora, que honra para mim, disse Julia com aspecto timido.

—Tu trabalhas em casa de teus paes não é verdade?

—Saiba a sr.ª D. Josepha que sim, tenho toda a lide da casa a meu cargo.

Chegaram á porta da casa. O primeiro cuidado de D. Alvaro foi correr toda a habitação, achando, no seu aspecto de casa de campo, um certo encanto desconhecido ainda para D. Alvaro. Quando chegou á sala estava D. Josepha a fallar com Julia.

—O teu padrinho?

—Deve estar em casa a esta hora, está bom, graças a Deus.

—Ninguem esperava que ainda viessemos para a quinta do «Alpendre».

—E' verdade, foi uma surpreza para todos...

—Por aqui ha muita caça? perguntou D. Alvaro.

—Muita, sr. D. Alvaro.

D. Alvaro olhou para Julia e sentiu uma certa attracção que elle não podia explicar. A sua simplicidade, a voz suave com que respondia ás perguntas, vibrava tão suavemente, que D. Alvaro encontrava em Julia um não sei quê, que lhe agradava muito e que não sabia comprehender!!

Achava que esta mulher era differente de todas que elle tinha conhecido, e que eram tantas!!!

D. Alvaro, sentado em uma commoda cadeira ao lado da mãe analysava Julia, phrase por phrase, gesto por gesto, e cada vez se sentia mais attrahido. Assim se passou o tempo, correndo a conversa sobre assumptos da aldeia, até que o creado velho da D. Josepha, o José, veio avisar que estava prompto o jantar.

D. Alvaro olhou mais uma vez para Julia, achando-a encantadora na sua simplicidade, e a sua figura nunca mais lhe sahiu da mente.

O jantar correu animado; a Joanna tinha preparado um jantar magnifico, porque, diga-se a verdade, a mulher de Thomé da Cruz tinha sido uma boa cosinheira nos seus tempos de nova.

O Thomé da Cruz, depois de dar as ordens precisas, foi á casa de jantar entregar todas as chaves a D. Josepha. Foi então durante o resto do jantar que lhe contou toda a sua vida, desde que D. Josepha deixou a aldeia; deu emfim noticia de tudo e de todos, não esquecendo fallar do padre Jeroronymo e da familia do fidalgo D. Antonio.

Quando eram onze horas já D. Josepha se tinha recolhido ao seu quarto. Só D. Alvaro, habituado a deitar-se tarde, e apezar de se sentir bastante fatigado, não tinha somno. Abriu a janella do seu quarto, que deitava para a horta e permaneceu a gozar a noute.

A branca lua illuminava, com a sua luz de prata, as casas da aldeia; brancas nuvens atravessavam rapidas o ceu, levadas pelo vento, encobrindo por momentos a lua, para apparecer depois novamente.

Parecia que a Natureza offerecia este espectaculo, para que D. Alvaro o podesse gozar.

Lá ao longe o moinho de Thomé da Cruz, banhado pela luz suave do luar, servia de remate ao pequeno outeiro coberto de vinhas. D. Alvaro

olhou, e mais uma vez a imagem de Julia lhe veio á mente.

«*Mas que ideia!!!*» pensou para si o filho da D. Josepha, «*pobre rapariga, ahi n'esse moinho vives feliz, embora pobre, e eu? vivo por viver...*»

Duas lagrimas deslisaram pela cara de D. Alvaro, e como sentisse frio, achou prudente fechar a janella e deitar-se.

D'ahi a pouco tempo na quinta do «Alpendre» reinava profundo silencio.

XI

Amanhecia.

Os campos tinham-se revestido de gala, como para festejarem a primeira manhã que D. Alvaro passava no campo.

Amanhecia.

O sol pintava de côr rubra as nuvens que se accumulavam no nascente; a nevoa que cobria a terra desapparecia pouco a pouco, e o sol todo de luz dourada, beneficiava a terra com os seus primeiros feixes de luz; as limpidas gottas da orvalhada que salpicavam as folhas das arvores, assemelhavam-se a pequenos diamantes dispostos por mão myste-

riosa. Era uma d'essas manhãs do campo, em que a leve brisa saturada dos perfumes das flôres campestres, fazia tremular os tópos dos pinheiraes e encher de ondinas as aguas dos regatos; as rosas abriam as suas petalas como a sorrirem-se á luz do novo dia que acabava de nascer. As aves dos ninhos, ensaiavam os seus primeiros vôos, emquanto que outras atravessavam os ares piando, piando sempre...

Raparigas passavam, cantando melodias nascidas no coração, cheias de amor, cheias de vida!

D. Alvaro abriu os olhos ao som d'estas vozes que lhe vinham perturbar o somno da madrugada. Julgou que seria a continuação d'algum sonho; nunca tinha sentido vozes tão puras! Mas quando voltou a si, e que estava bem acordado, sentiu-se alegre, em pensar que estava na sua quinta, longe, bem longe de Lisboa.

Levantou-se, e quando abriu a janella um ar fresco veio-lhe trazer aos cuvidos as vozes das raparigas que iam já muito ao longe para o trabalho. Olhou para a quinta; levantou um pouco a vista, tomando os seus olhos a direcção do moinho, que lá

estava como na vespera, ostentando as suas brancas vélas.

Resolveu dar um pequeno passeio antes de almoço, passou pelo corredor, parou um momento á porta do quarto da mãe, que dormia ainda, desceu a escada que ia ter ao jardim, atravessou-o, abriu uma pequena porta de madeira e entrou no pomar; aqui permaneceu bastante tempo, continuando a vêr minuciosamente todos os recantos da propriedade. Como faltasse ainda bastante tempo para a hora do almoço, sahiu o portão da quinta, para dar um passeio pelas estradas. Atravessou atalhos, passou por casaes onde creanças mal vestidas lhe vinham ter ao encontro pedindo alguma cousa para pão. D. Alvaro, distribuindo esmolas, ia conversando com ellas, achando um certo prazer em ouvir as suas conversas infantis.

—E tu porque choras?—perguntou D. Alvaro para o mais pequeno do grupo.

Tenho fome...

—Os teus paes não trabalham?!

—Já não os tenho. Meu pae morreu lá fóra, preso por ter morto um *home* e minha mãe morreu pouco

tempo depois. Vivo só com minha avó, que não póde trabalhar por causa d'um ar que lhe deu... vivemos acolá n'aquella casita branca que vocemecê avista d'aqui; se vocemecê a quer vêr, ensino-lhe o carreiro que vae lá dár...

—Pois sim.

A simples narrativa do garoto despertou uma certa curiosidade em D. Alvaro. Quando chegou perto da casa, um cão branco com malhas negras veio ladrar, com um certo aspecto rancoroso.

—Está quieto Piloto, disse o rapazóla.

—É teu o cão?

—Era de meu pae, agora é meu; é manso, mas quando vê alguem de fóra, ladra sempre; é muito meu amigo, já me salvou uma vez d'uma levada d'agua...

D. Alvaro, que apenas conhecia a miseria por ter apenas ouvido fallar d'ella, como muitos na cidade, sentiu o seu coração partir-se de dôr quando entrou n'aquella humilde casa. A pobre velha, tolhida e cheia de chagas, jazia em cima d'umas taboas, cobertas por uma esteira velha e immunda. A sua vida era um constante

gemer; quaudo se mexia, os ossos rangiam, e todos estes movimentos eram acompanhados de gritos que cortavam as almas de todos que a ouviam!

— O' avó, está aqui um senhor que nos quiz vêr... olhe para cá.

— Que dizes?! disse a pobre mulher a custo.

— Um senhor que a quiz vêr..

A velha, voltando a cabeça para o lado onde estava D. Alvaro, deu uns gemidos dolorosos e sentidos!

— Então o senhor quiz vêr esta desgraçada?

— Encontrei o seu neto e como fallasse em si, na miseria em que vive, quiz eu proprio dar-lhe uma pequena esmola.

— Seja por amor de Deus — disse a velha com voz tremula.

— Deixo-lhe aqui uma pequena esmola — disse D. Alvaro, tirando da carteira uma nota de cinco mil réis, ámanhã mandarei um dos meus creados com uma cama e roupa para si.

— O' avósinha, como este senhor é bom!! — disse o rapaz agarrando-se ao pescoço da avó...

— Não sei como lhe agradecer; nas minhas orações pedirei sempre

pelo senhor, para que seja feliz, e que nunca lhe falte nada.

—Como te chamas tu, ó pequeno?

—Manuel...

—Ensinas-me outra vez o caminho?

—Ensino; para onde quer vocemecê ir?

—Para a quinta do «Alpendre».

—E' perto...

D. Alvaro sahiu do casebre acompanhado pelo garoto, que nunca foi calado, e tomaram a direcção da quinta.

Quando entrou em casa, estava a mãe a dar as ordens precisas na cosinha.

—Não imagina que lindo passeio eu dei! Todos estes sitios são encantadores. Estou com uma fome devoradora.

—O passeio fez-te bem. Verás como d'aqui a algum tempo não pareces o mesmo!

....

.....

Quando o relogio deu dez horas, o almoço estava na meza, e D. Alvaro, almoçando com bom apetite, contou a D. Josepha o passeio que tinha dado, descrevendo com todas as minuciosidades a visita que tinha feito á avó do rapazolla.

SEGUNDA PARTE

XII

Dois annos são corridos, depois que D. Josepha e o filho vieram para a quinta do «Alpendre».

Durante este tempo D. Alvaro nunca mais voltou a Lisboa, tendo-se entregado com todo o cuidado ao amanho das terras, aconselhando se sempre com Thomé da Cruz, e lendo bons livros sobre agricultura, que o padre Jeronymo possuia na sua modesta bibliotheca. Esta vida tranquilla que Alvaro levava, era uma alegria para a pobre mãe que não via no mundo outra coisa que não fosse o seu querido filho.

A filha de Thomé da Cruz, ha já seis mezes que estava na quinta do «Alpendre».

D. Josepha gostou tanto de Julia, que propôz a Thomé que deixasse ir a filha viver para quinta, visto coser bem e assim tratar da roupa de D. Josepha. Thomé da Cruz, depois de combinar com Joanna, e ter visto que a ida para a quinta de D. Josepha, viria a ser bom para o futuro de Julia, accedeu da melhor vontade.

A imagem de Julia em casa de D. Alvaro, veio perturbar-lhe a sua alma! Via n'ella, não a filha de Thomé da Cruz, mas sim uma rapariga ideal que elle vira em sonhos rodeada por auréolas de luz; Julia era já a synthese de todo o seu futuro, de toda a sua felicidade! Que lhe importavam as conveniencias da sociedade, se elle sentia por essa creatura um amor louco, capaz de todos os sacrificios?! Fraquezas do coração humano!!

Em uma das salas da casa da quinta do «Alpendre», D. Josepha, junto a um bufete de pau santo, illuminado por um candieiro de azeite, trabalhava em uma grande toalha de renda para o altar de Nossa Senhora do Carmo da egreja do logar, pedido feito pelo padre Jeronymo.

Estamos em dezembro; o vento rijo faz puxar a chuva que vem bater de chófre nas vidraças das janellas; os troncos das arvores, nus de fôlhas, rangem com sons sinistros e agudos.

D. Alvaro sentado, um pouco distante de D. Josepha, em uma grande cadeira estofada, lê uma revista franceza.

—Que noite de inverno—disse D. Alvaro quebrando o silencio e

pondo a revista sobre os joelhos — esta noite com certeza não vem o padre Jeronymo.

— Credo, já me tinha esquecido que estavas ahi...

— Estou a lêr um artigo muito curioso sobre a tisica.

— Que prazer tens a lêr d'essas leituras!! Anda, vem para aqui conversar até chegar o padre Jeronymo.

— O padre Jeronymo não vem hoje, com uma noite assim!

D. Alvaro levantou-se pôz uma pequena marca de papel na revista, e approximou-se da janella. Chovia menos e o vento tinha diminuido.

— Está a querer aliviar. Sinto passos na rua da quinta.

D. Alvaro limpou com o lenço os vidros da janella e pondo a mão direita em arco sobre os olhos, espreitou.

— É o padre Jeronymo; como elle deve vir molhado!

— Tu estás melhor da tosse?

— Esta noite quasi não dormi e dóe-me hoje o peito.

. . . . . .

— Deus esteja n'esta casa, disse o padre Jeronymo abrindo a porta da sala.

— Por uma noite d'estas! Quando

o Alvaro me disse que o tinha visto da janella, duvidei um pouco.

—É para que vejam que ainda estou um rapaz... um rapaz d'outros tempos, porque os d'hoje teem sangue de barata nas veias... e o sr. D. Alvaro como se acha hoje, melhor?

—Sempre doente, padre Jeronymo.

—Mania, mania, é o que isso é; um rapaz como o senhor, na força da vida sempre a dizer que está doente!!

—Bem lhe póde ralhar, sr. padre Jeronymo, o meu filho cada vez está com mais mêdo de morrer, e dá agora em lêr artigos de medicina!...

—Sua mãe tem razão, os medicos que leiam d'isso...

D. Alvaro ouviu tudo isto sem responder; o seu pensamento não estava alí...

—Pois julguei que não chegava cá. A estrada, cheia de poças e a chuva a cahir... hoje sinto-me bastante fatigado, disse a missa mais cêdo...

—Foi mandada resar por alguem?

—Pelo Thomé da Cruz, faz annos que morreu o pae d'elle.

—A Julia anda tão triste!—disse D. Josepha, embrulhando a toalha em papeis finos.

—Quando as raparigas sentem o coração a palpitar por alguem, não pensam em outra coisa. Naturalmente não tem tido noticias d'Africa...

D. Alvaro passeava pela sala com passos agitados; alguma coisa lhe dava cuidado...

D. Josepha retirou se da sala para ir resar com as creadas as orações da noite. A chuva bate outra vez com violencia nos vidros, ouvindo-se muito ao longe uns trovões.

—Mau, mau, agora temos trovoada —disse o padre Jeronymo encaminhando-se para o vão da janella.

—Tem um quarto ás ordens.

—Obrigado, ha de passar.

Um longo silencio seguiu-se a estas curtas phrases. O padre Jeronymo ao pé da mesa folheava um livro de Julio Diniz. D. Alvaro passeava ao longo da sala.

—O sr. D. Alvaro não está hoje bem, tem alguma coisa que lhe dá cuidado...

—Ah! padre Jeronymo, não ter ninguem com quem desabafar.

—Sr. D. Alvaro, posso tomar essa sua phrase como uma offensa á minha pessoa, á amisade franca e sincera que lhe tenho mostrado.

—Por amor de Deus, não julgue isso! A sua amisade guardo-a com amor, mas o assumpto é um pouco escabroso para um padre... e tenho receio que se offenda em lhe ir fallar...

—Olhe, sr. D. Alvaro, o padre póde ouvir tudo, quando tem em mira salvar uma alma que anda desgarrada do caminho do Senhor. Sentimos todas as dôres, comprehendemos os seus resultados, sabemos melhor que ninguem as paginas tristes da dôr humana, porque vivemos fóra da vida terrena, para nos dedicarmos á vida da oração, abençoada pelo Altissimo. Esta vida de oração, de tranquillidade de consciencia, faz pacificar as nossas almas; olhamos então para a vida do mundo, como se estivessemos em um cume d'uma montanha muito alta, olhamos cá para baixo e o que vêmos? Tristezas, ignominias, falsidades, e todas estas chagas não nos tocam, porque? porque habitamos em uma atmosphera de pureza e virtude. Mas isto já tem fóros de sermão, e fico sem saber qual a causa das suas tristezas.

—Como sabe, levei uma vida em Lisboa cheia de leviandades que me poz doente como vê.

—Não diga isso...

—Bem sei como me sinto e se não digo tudo é por causa de minha mãe, coitada. Mas como ia dizendo, vim para aqui, para este canto do mundo, palmos de terra onde dei os primeiros passos e onde chorei as primeiras lagrimas. Póde avaliar a amisade, o carinho que tenho a estes logares Houve uma pessoa, principia aqui a minha maior dôr, que causou na minha alma uma verdadeira revolução moral. Estou sempre a vê-la, não penso n'outra coisa; n'uma palavra, amo-a. Essa pessoa é Julia, a sua afilhada... Então ficou tão tranquillo?!!

—Fico, por um simples motivo, porque já sabia d'essa sua lucta moral, mas tenho guardado este segredo comigo, porque esperava mais cêdo ou mais tarde que me viesse fallar. Essa paixão, que me acaba de confessar, tem que a fazer desvanecer do seu espirito; sabe perfeitamente o berço humilde em que nasceu Julia. Embora tenha um caracter diamantino, a sua educação e instrucção está muito longe da sua... e bem vê...

—Amo-a, padre Jeronymo, é quanto basta para a poder fazer feliz, e estou

certo que a sua afilhada saberá comprehender bem o meu amor.

—Comprehenderá o seu amor, mas nunca poderá chamar-lhe *sua* mulher.

—Porquê?!!—disse D. Alvaro, tornando-se livido.

—Julia, jurou ser a mulher de Manuel; conheço-a bem, e tenho plena certeza que ha de cumprir o juramento.

—Desculpe, padre Jeronymo, não conhece o coração da mulher!—disse D. Alvaro com um riso amarello.

—Já vejo que avalia o coração da mulher, por essas que conheceu em Lisboa, que tendo em mira sómente o dinheiro, vendem-se corpo e alma a qualquer, para poderem sustentar o luxo dos vestidos, theatros, bailes, etc., etc. Julia, embora pobre, tem uma educação sã e de bons principios.

—D'essa maneira, tenho diante de mim a eterna disillusão?!!

—Para sempre!... creia que acredito na paixão que sente pela minha afilhada; comprehendo que ha de soffrer muito, mas se quer purificar a sua alma, deve soffrer com paciencia. Diga-me... já fallou n'este assumpto a Julia?

—Nunca, padre Jeronymo.

—Pois bem, siga os meus conselhos, nunca lhe falle que a ama; tem a grandeza d'alma de cumprir este meu pedido?

—Custa-me tanto!

—Pela minha amisade, pela felicidade de Julia lhe peço.

—Não fallarei...

D. Alvaro cahiu prostrado sobre uma cadeira e duas lagrimas ardentes como fogo deslisaram pelas faces.

Os passos de D. Josepha fizeram-se ouvir no corredor.

—Vem ahi sua mãe—disse o padre Jeronymo chegando-se ao pé de D. Alvaro.

. . . . . .

—Então não jogam!!—disse D. Josepha entrando.

—A conversa tem sido animada—disse o padre Jeronymo.

—Já viu a sua afilhada?

—Foi ella que me abriu a porta.

—Acho-a triste, ella que era tão alegre!

—A chuva abrandou um pouco mais—disse D. Alvaro para mudar o rumo da conversa.

—Olha, Alvaro, vae dizer ao José que vá preparando o chá.

Quando D. Alvaro sahiu, D. Josepha com ares confidenciaes, disse:

—Sabe, padre Jeronymo, meu filho tem uma inclinação.

—Desconfianças de quem é mãe.

—Nunca lhe fallou em nada?

—Os amigos são infelizmente os ultimos a saberem.

—Elle gosta da filha do fidalgo D. Antonio, que eu não levo a mal, tem alguma cousa, é boa menina...

—Nunca dei por tal!!

—A vista da mulher vae mais além...

—Quem sabe...

—Quem sabe?! Quando foram os annos do D. Antonio, depois do jantar, lembra se que fômos para o terraço, pois o meu filho ficou com a filha do D. Antonio na casa de jantar sempre a conversar.

—Mas da simples conversa, ao casamento vae tanta distancia!...

—Bem sei, mas não podemos subir uma escada, sem pisarmos o primeiro degrau.

A chegada de D. Alvaro veio pôr ponto á conversa. Quando o relogio deu onze horas tomou-se o chá, correndo a conversa animada; apenas D. Alvaro estava pensativo e triste!

Quando por volta da meia noite o padre Jeronymo sahiu da quinta do *Alpendre* a chuva tinha diminuido, embora o ceu fosse illuminado a miudo por azulados relampagos.

A conversa de D. Alvaro e a sua confissão, tinham deixado o padre Jeronymo um pouco pensativo, não tinha bastante confiança no filho da D. Josepha, por isso pela sua mente passavam rapidas mil hypotheses que lhe torturavam a alma...

XIII

Logo que o padre Jeronymo sahiu da quinta do *Alpendre,* D. Alvaro pensativo e triste deu as boas noites a D. Josepha e recolheu-se ao quarto. No seu pensamento as ideias atropelavam-se, não tinha ideias nitidas. Queria dormir, impossivel, uma forte dôr de cabeça não o deixou socegar. Assim passou quasi toda a noite sob uma excitação nervosa, uma verdadeira lucta moral. Tinha vontade de gritar, de chorar, de vêr a luz do dia e a noite parecia-lhe sem fim!! A imagem de Julia apparecia-lhe vestida de branco ao pé de um altar cheio de luzes, depois esta imagem desap-

parecia e via então um enterro por uma estrada fóra, muito pôvo, muitos choros, muitas luzes...

Quando um raio de luz ainda muito fraco entrou pela janella, levantou-se logo, abriu as portadas, estava uma verdadeira manhã de inverno! As arvores, nuas de folhas, pareciam cansadas da ventania da noite. D. Alvaro depois de contemplar a natureza, sentiu-se triste com ella. Olhou para o espelho, estava pallido, com os olhos encovados...

—*Para que serve amar?! Sacrificar tudo por uma pessoa que ama outra!*» Pensava para si D. Alvaro. Passeava no quarto como um tigre na jaula, fallava alto, gesticulava, o quarto era pequeno para elle!!

Como a tempestade se tivesse affastado, o sol sorridente espargia os seus dourados raios, enchendo os campos d'uma luz quente, repassada de alegria.

D. Alvaro desceu a escada que ia ter á adega, com tenção de tomar depois o caminho da quinta, quando se encontrou com Julia.

—Bons dias, sr. D. Alvaro, disse Julia com ar alegre.

—Bons dias Julia...

—O sr. D. Alvaro foi hoje madrugador!

—Dormi mal a noite, ainda tenho febre...

—Ora, não pense em doenças, disse Julia com voz meiga, olhe, sr. D. Alvaro, quem tem amores não dorme, e deu uma gargalhada franca e sincera.

—Foi por isso, foi...

—Vê, como eu sei?!

—Como te sentes alegre, e eu tão triste!...

—Ella não comprehende o seu amor?

—Nem sabe que a amo!

—Mas a sr.ª D. Josepha já me disse...

—Minha mãe fallou-te?!!

—A sr.ª D. Josepha disse-me ha dias por estas palavras: «Sabes, o sr. D. Alvaro gosta muito da filha do fidalgo D. Antonio!

—Como as mães se enganam!

—E fallou-me então em certas conversas no terraço...

—Posso conversar e não a amar. Nunca senti por ella o mais leve signal de amor. Ah! o meu amor é uma ave que quer pousar em outro poleiro; disse D. Alvaro sorrindo-se tristemente.

—Gostava tanto de conhecer essa

tal pessoa, disse Julia com uma voz alegre como um gorgeio d'ave.

—Para quê? tenho a certeza que não me ama, demais já lançou as vistas para outro.

—E ella ama o tal, verdadeiramente?

—Assim me disseram...

—Ah! então não deve continuar.

—É esse o conselho que me dás? disse D. Alvaro com voz tremula.

—Decerto, é o mesmo que querer roubar uma coisa que nos não pertence, falle n'isto ao meu padrinho e verá como lhe dirá o mesmo. Desculpe a minha franqueza, fui assim creada a fallar sempre a verdade...

—Mais do que nunca estou agora convencido que nada tenho que fazer.

—Mas para que deixou criar raizes a esse amor, quando devia saber que não podia continuar? Desculpe em estar fallando n'estas coisas, mas o sr. D. Alvaro foi o culpado.

—Falla, falla, és bôa e sincera... Olha, pouco tempo viverei, conheço a doença que me está arruinando, se um dia vieres a saber o nome d'essa creatura que eu idealisei no meu pensamento, n'essa occasião resa pela minha alma... estás chorando?!!

—Desculpe, sr. D. Alvaro, mas que quer, não posso ouvir fallar em morte que não chore, lembro-me logo do meu Manuel, ha tanto tempo sem ter noticias d'elle... então o sr. D. Alvaro está tambem a chorar?!!

—Eu?! é ideia tua...

—Olhe, essa lagrima que está cahindo, disse Julia apontando com o dedo.

—Então que queres? Estamos tristes como o dia.

—O dia não! Não vê como o sol está brilhante?! Os nossos corações é que estão tristes, olhe sr. D. Alvaro, disse Julia com ar pensativo, mais soffro eu que tenho o meu amor a tantas leguas de distancia, emquanto que o sr. D. Alvaro tem-n'o naturalmente aqui no logar.

—Olha, escuta...

—Não posso, ficará para outra vez, é já muito tarde.

Julia subiu a escada por onde D. Alvaro tinha descido ha pouco. Viu-a subir, e D. Alvaro viu deante dos seus olhos a imagem dos seus amores, sem a poder possuir!!

XIV

O inverno já passára com a sua corrente devastadora, e os troncos das arvores cobriam-se de folhas; os valles e as sebes matizaram-se de flores que a mais leve brisa fazia balouçar.

O padre Jeronymo, sentado n'uma cadeira de verga ao pé da janella da casa de jantar, lia Herculano; para elle o socego da casa, a sua horta, os vasos de flôres, era um conjuncto de bem estar, que passava quasi todo o dia, abstracto a tudo, pensando apenas na leitura do seu breviario, ou nas passagens mais notaveis da *Historia de França* que elle lia com amor. Abaixava o lívro e estava momentos pensativo, olhando para as flôres que elle tinha plantado e que cresciam a olhos vistos. Tinha-lhes uma certa amisade, gostava de analysar as diversas côres que apresentavam ao seu olhar investigador... depois continuava a leitura.

Já ha duas horas que o padre Jeronymo, tendo deixado a leitura da *Historia, de França* lia pausadamente o *Eurico,* de Herculano; esava na pagina em que o cavalleiro

falla com Hermengarda em que lhe diz: «*Sabes o que é caminhar sobre silvados pelo caminho da vida e achar ao cabo, em vez do marco milliario onde o peregrino dê treguas aos pés rasgados e sanguentos, a borda de um despinhadeiro, no qual é força precipitar-se? Sabes o que isto é? É a minha triste historia!*» O padre Jeronymo abaixou o livro e ficou pensativo nas palavras que acabava de lêr. Tinha-as lido tanta vez, mas nunca lhe fizeram tanta impressão! A' sua mente vieram-lhe tres imagens: a de Julia, de D. Alvaro e de Manuel; e pensou: «qual será a que soffrerá mais?» Esperou que o seu coração lhe respondesse. Julia soffria uma dôr suave, embalada n'um sonho de amôr, cheia de esperança aureolada de alegria que lhe suavisava a tristeza. D. Alvaro, pobre rapaz cada vez mais doente, abatido, cheio de febre, era uma luz quasi a apagar-se; e Manuel, corajoso rapaz, lá estava ao longe em terras africanas, soffrendo mil martyrios. O que soffre mais é D. Alvaro, pensou o padre Jeronymo, os outros ainda têem uma esperança, emquanto que este tem a morte a bater-lhe á porta. Pobre rapaz!...

A noite aproximava-se, o sol côr de fogo, lançava pela aboboda celeste os seus ultimos raios. Já quasi ninguem passava na estrada.

Duas pancadas foram ouvidas na porta da rua. O padre Jeronymo levantou-se e foi abrir o postigo.

—Que quer? disse o padre Jeronymo temendo algum cigano.

—Não me conhece, sr. padre Jeronymo?

—E's tu, tu .. o Manuel?

—Eu proprio...

O padre Jeronymo abriu logo a porta e Manuel entrou, abraçando-se ao padre Jeronymo; um estreito abraço que resumia tanto tempo de ausencia, longe de todos, e da sua querida terra.

—Senta-te aqui ao pé de mim. Porque foi esta chegada tão repentina; cá no logar ninguem te esperava!

—Ah! sr. padre Jeronymo, como eu venho arruinado da saude, a febre não me larga. Vim mais uns quarenta soldados, em um vapor allemão; o resto da expedição só vem d'aqui a seis mezes. Todos os meus companheiros veem muito doentes, trez até morreram no caminho e lá foram lançados ao mar, pobres rapazes! Como está

Julia? Que saudades que eu tenho d'ella!

—Boa, graças ao Senhor, está agora em casa da D. Josepha, é tratada como pessoa de familia! Tu é que estás muito magro!? Disse o padre Jeronymo olhando tristemente para Manoel.

—Então, sr. prior, febres e mais febres, um calor abrazador, mortos de sêde, quasi sempre em renhidos combates!

—Os ares cá da tua terra dão saude verás como d'aqui a pouco tempo estarás gordo! A Julia disse-me algumas vezes que não recebia carta tua, não imaginas como ella chorava, coitada!

—Como podia eu escrever, se estava dias e dias no interior do matto, ignorando sempre onde estaria no dia seguinte!

—Hoje ceias comigo, amanhã vamos juntos ao moinho; que surpreza para o Thomé da Cruz, para a mulher e para Julia.

—O sr. D. Alvaro agora está lavrador!

—Está ha um mez de cama, nem se póde levantar; a vida que elle sempre levou em Lisboa, foi a causa da sua ruina.

—A sr.ª D. Josepha coitada, como ella estará!

—Não vê outra coisa senão o filho! Mas agora reparo. deves ter fome, e são horas da ceia.

. . . . . .

Quando o relogio deu sete horas, já á mesa o padre Jeronymo e Manoel ceiavam alegremente.

XV

A chegada de Manoel á aldeia, foi um verdadeiro acontecimento, não se fallava d'outra coisa; Manoel gosava de bôa fama, e d'ahi o ser querido de todos. Homens, mulheres e creanças enchiam-n'o de perguntas a que elle sempre respondia cheio de paciencia.

A ida do padre Jeronymo e do Manoel, logo de manhã, ao moinho foi uma verdadeira surpreza. A Joanna louca de alegria não sabia que fazer, quasi que não podia fallar! O Thomé da Cruz foi logo á quinta do *Alpendre* buscar a Julia, sem lhe dizer para quê, apenas lhe fallou n'uma grande surpreza!

O encontro de duas almas que se amam, que se sentem presas pelos laços d'um amor verdadeiro, são momentos da vida que se não descrevem,

apenas se sentem! É um curto momento que não ha palavras que o possam descrever, são minutos da existencia do homem que ficam para sempre gravados no coração, para nunca mais se apagarem!

Assim como as partidas são sempre envoltas em mantos de tristeza, as chegadas são alegres, risonhas, como os gorgeios da passarada nas frescas madrugadas.

Por isso póde o leitor avaliar como seria alegre o encontro de Julia com Manuel, ha tantos annos separados!

—Vens tão magro?!!

—Nem pareço o mesmo! O teu padrinho quando hontem me viu pela primeira vez, julgou que era um cigano; as febres, mau clima, tudo concorreu... e sobre tudo a saudade, disse Manoel ao ouvido de Julia.

—Que direi eu, então!

—Joanna, disse Thomé da Cruz, vae arranjar um bello almoço, de tudo o melhor.

Em quanto o padre Jeronymo conversava com Thomé da Cruz, Julia e Manuel vieram para a estrada para conversarem mais á vontade.

Estava uma manhã cheia de luz dourada! O sol espargia os seus quentes

raios, illuminando as casas da aldeia com uma luz cheia de vida!

—Como me pareceu longo o tempo que estive longe de ti, meu amor! Disse Julia com uma voz cheia de doçura.

—Tu passaste este tempo no meio dos teus, emquanto que eu... tudo me faltava, e a morte constantemente diante de mim...

—Mas agora, estarás para sempre ao pé da tua Julia.

Manuel agarrando-a pela cintura apertou-a muito contra si. Julia não resistiu, e os seus labios juntos aos de Manuel trocaram beijos ardentes d'amor.

—Escreveste-me tão pouco, disse Julia fugindo um pouco das caricias de Manuel.

—Como podia eu escrever, se estava sempre no interior do matto longe de tudo! Olhava para a tua ultima carta que eu recebi na vespera da minha partida. Sabes, dava-me sempre coragem.

.....

Uma hora se tinha passado, sem que Julia nem Manuel se lembrassem da hora do almoço; foi preciso que a Joanna viesse chamal-os.

—Vamos almoçar, já minha mãe nos chamou.

—Vamos.

E entraram no moinho. A natureza estava risonha como aquelles dois corações, cheios d'amor e mocidade!

Em casa de D. Josepha ia grande tristeza. D. Alvaro que ha um mez estava de cama com febre, sabendo da chegada do noivo de Julia, ficou tão abalado, que peorou sensivelmente. O seu grande estado de fraqueza minava-o dia a dia.

D. Josepha passava dias inteiros ao pé da cama do filho, percebendo bem claramente quanto o seu filho querido se ia definhando todos os dias!! Já não tinha lagrimas para chorar. A sua grande dôr tinha tornado a sua alma cheia de tristeza!

Como D. Alvaro tivesse cahido em um somno profundo, assustador, D. Josepha mandou logo chamar o medico, e quando no fim da visita a pobre mãe lhe perguntou como o achava, ouviu uma resposta fria, tenebrosa como a morte:

—O seu filho, minha senhora, está perdido, poderá apenas viver algumas horas...

D. Josepha sentiu que a casa andava á roda, as ideias vinham-lhe á mente confusas e cahiu sem sentidos!

. . . . . .

. . . . . .

O dia amanhecia risonho e cheio de sol, as aves nas arvores da quinta, saltitando de ramo em ramo, annunciavam com os seus gorgeios o novo dia.

D. Alvaro tinha passado mal a noite; os olhos negros cavados em olheiras azuladas, enchiam de pavor todos que olhavam para elle!

—Minha... mãe, disse D. Alvaro a custo.

—Estou aqui, que queres?

—Já é dia?

—Não ouves o cantar das aves?! Queres que abra a janella?

—Sim...

O quarto encheu-se de luz, entrando o sol até quasi ao pé da cama.

—Como o dia está bonito!

—Quando estiveres melhor has-de dar muitos passeios...

—Quem, eu?! Sei o que tenho... D'aqui vejo o moinho de... Julia... hade ser... feliz é digna d'isso... tenho a vista tão turva; abra-me a janella quero ar... muito ar... e luz...

—Meu filho socega... valha-me Deus!

—Onde está... Julia? Não queria morrer sem lhe dizer adeus.

Foram ouvidos passos na sala contigua. D. Josepha foi vêr se seria o medico, e encontrou-se com o padre Jeronymo.

—Como está D. Alvaro?

—Está no fim... disse a pobre mãe cheia de tristeza e lagrimas.

—Minha senhora, tranquilise-se, muito mais soffreu Jesus por nós.

O padre Jeronymo entrou no quarto de D. Alvaro.

—Hoje está com melhor cára! disse o padre Jeronymo, com uma alegria toda de lagrimas.

—Depois... que esteve aqui hontem... quando me confessei... senti-me melhor... mas... hoje... sabe meu amigo estou a dizer adeus ao mundo...

—Então tenha esperança em Deus...

—Olhe, padre Jeronymo... na gaveta da minha mesa... está uma carta para Julia, foi escripta ha... muitos mezes. . quando eu morrer peço-lhe para a entregar... á Julia... sim?

—Esteja descançado...

.....

Quando o relogio deu duas horas, D. Alvaro rodeado de todos da casa

e do padre Jeronymo, despedia-se de todos e exhalava o ultimo suspiro. Uma nuvem de profunda dôr cahia sobre a pobre mãe, que ficava só no mundo, sem o unico ente que ella amava doidamente.

N'esse mesmo dia Julia leu a carta de D. Alvaro, que dizia assim.

Julia

Verdadeiramente amei só uma vez na vida. Foste tu o constante ideal do meu pensamento. Quando te quiz possuir, quando veio ao meu pensamento que fosses *minha* mulher, já pertencias a outro. Que fazer? Segui o teu conselho: *Não devemos roubar o que não nos pertence.*

Vive sempre feliz, és merecedora de toda a felicidade. Quando receberes esta carta já eu não sou d'este mundo. Reza por mim, sim?

Até quando as nossas almas se encontrarem.

Alvaro.

—Pobre rapaz, disse Julia chorando, era a mim que elle amava!! E eu sem saber!

Julia ajoelhou e de mãos postas resou uma prece muito sentida por alma d'aquelle que a amava tão loucamente; e assim cumpriu o seu pedido.

XVI

Tres mezes tinham passado depois da morte de D. Alvaro. Toda a aldeia está em festa. A egreja está cheia de flôres, e o orgão que D. Josepha tinha dado de presente á egreja do logar, ia ser tocado pela primeira vez! N'este dia tão alegre, realisava-se o casamento de Julia do Moinho com Manuel.

O padre Jeronymo cheio de alegria, fez uma pequena pratica, ouvindo-se os sons dôces do orgão, que ao espalharem-se pela egreja, tornavam todo o ambiente mais cheio de uncção.

Deus unia estas duas almas purificadas por um amor puro, transparente á luz da Virtude, regado pela chuva dourada d'uma eterna felicidade.

João Verdades

Levantarei minhas esperanças,
e meus desejos, a vós meu Deus,
e meu Senhor, minha clara luz. .

Fr. Thomé de Jesus

Era ao cahir da tarde.

Grandes nuvens côr de fogo, acumuladas como grandes montanhas ardentes, fundiam em tons quentes a luz do sol que estava prestes a desapparecer.

Era ao cahir da tarde.

Ouvia-se o chilrar da passarada, que se recolhia sobre os troncos dos velhos carvalhos e ulmeiros. Uma leve brisa beijava levemente as flôres que matisavam as azinhagas, e fazia tremular as pequenas ondinas dos regatos.

O cemiterio a pequena distancia da

aldeia, guarnecido de cyprestes tristes, esguios e funebres, fallavam uma linguagem sinistra de morte!

Pequenas cruzes de pedra tosca e de madeira aqui e alli collocadas, indicavam o logar d'aquelles que já tinham partido da terra.

Flôres, guarneciam por vezes alguma campa, mais estimada... menos esquecida. Era o jardim das saudades e tristezas regado pelas lagrimas dos que em vida sabem chorar...

João Verdades, o coveiro, conhecido e estimado em toda a aldeia, abria uma cova, e a cada enxadada mais a sepultura se abria, cada vez mais funda, cada vez mais mysteriosa!

Ao longe no campanario da egreja o sino toca a *Ave-marias*. O som prolonga-se pelos campos, cheio de tristeza e de uncção...

João Verdades descobre-se respeitoso, os seus olhos levantam-se para o ceu, e os labios tremulos murmuram uma prece sentida d'amor e saudade. O seu rosto illuminou se de luz celeste, o ente querido que elle via *alem,* sorria-lhe do ceu, com a cabecita loura toda rodeada de nuvens muito brancas cheias de luz...

João Verdades, ao ver a filha n'es-

sas regiões ideaes, repassadas de mysterio, sentia o coração rasgar se de dôr, ao passo que um leve sorriso lhe dispontava nos labios ao vê-la feliz, longe do mundo, do convivio da humanidade...

O sino cessa de tocar, e João Verdades continua a abrir a cova luctuosa e lugubre.

O mendigo

«Si la Douleur n'est pas l'éxact synonyme de l'amour, elle en est, en tout cas, le moyen et le signe.»

HUYSMANS

Como elle se arrastava pela estrada cheia de pó, debaixo d'um sol ardente!!

Toda a natureza parecia adormecida sob os raios ardentes do sol. Os campos estendiam-se d'um lado e d'outro da estrada; as piteiras e as silvas estavam polvilhadas pelo pó fino e branco que se tinha levantado ao passar a ultima diligencia.

Muito ao longe enchergavam-se umas casitas brancas com os seus telhados vermelhos.

Espiraes de fumo levantavam-se das chaminés d'aquellas modestas

habitações, que teem um laço mysterioso de ideal, d'esse ideal que derrama tanta luz incerta na vida dos pensadores.

Estamos em pleno verão.

Pela estrada arrasta-se um ente humano, symbolo da dôr; d'esses entes que vivem desprezados de todos, apenas amparados por essa mão mysteriosa que se chama caridade.

Com as pernas defeituosas e cheias de chagas, qual figura de Job, ía-se arrastando leguas e leguas, mendigando hoje aqui, ámanhã alem...

Assim ia vivendo aquelle desgraçado os dias sem as caricias d'um amigo, sem um beijo d'uma filha!

Desabafava as suas maguas com as lagrimas que derramava. Ouvia elle só os seus suspiros.

Quantas illusões perdidas!

Quantos sonhos apagados!

Desde pequeno não conhecia pae nem mãe; entregue desde a mocidade a viver só, tinha analysado atravez da Dôr, a humanidade.

Agora o seu coração está mais endurecido, mas não tanto, que não derrame lagrimas de tristeza, que são as que sulcam mais as faces, porque nascem na alma.

Que seria do soffrimento se Deus não lhe désse lagrimas para o purificar?!

Sem lár, não conhecia os seus encantos. Só, sempre só, ia implorando a todos o pão de cada dia e, quando as sombras da noite subiam da terra ao ceu (porque do ceu só vem luz), encostava a cabeça a uma pedra ou a algum tronco d'arvore, e alli dormia tranquillamente.

O mendigo vive sem esperanças sobre a terra, o premio do seu soffrimento alcança-o alem tumulo, no mundo das almas. E' alli que será feliz, é alli que a sua alma se illuminará de luz, cheia de conforto e amor, e quando pensar nos entes que na terra o desprezaram, não terá palavras de rancor, mas sim de compaixão e perdão.

A sua morte será tranquilla, como tranquilla é a morte dos que soffrem com paciencia. E' pela paciencia nas dores, que nós conhecemos as temperas das almas, é pelas nossas dôres que avaliamos as do Calvario. Morre, ninguem mais se lembra do desgraçado!

Que importa ao justo as lembranças dos vivos, se elle possue o amor divino na sua alma?

E' o que se dava no misero mendigo.

Annos são passados, sobre a sua campa não ha nenhum signal, apenas se levanta uma tosca cruz, onde umas agrestes plantas se enroscam.

Drama intimo

«Rien n'a tant de poids sur le cœur humain que la voix de l'amitié bien reconnue.»

V. Hugo

PARA lá d'uns campos de vinha, meio encoberto por dois grandes carvalhos, uma casa côr de rosa estava como escondida, como para não ser vista senão pelos donos. Era a modesta habitação d'um lavrador, o Manuel da Silva, que vivia alli ha muito, em companhia d'uma filha de dezoito annos, que era todo o enlevo da sua alma.

Como elle amava a *sua Maria,* porque era assim que elle a tratava sempre, dizendo muitas vezes Manuel da Silva que via na filha o retrato da mãe, que tinha morrido quando a déra á luz.

Uma noite em que os passaros tinham já calado os seus gorgeios, e a lua de luz pallida espalhava sombras pelas veredas e estradas, Manuel da Silva morto de fadiga, e de enxada ao hombro, atravessava campos e atalhos em direcção a casa. O seu passo cadenciado, pelos caminhos escuros e solitarios, quasi que enchia de pavor aquelles logares tão ermos!

Ia triste, alguma coisa lhe dizia o coração. O dia tinha-lhe corrido mal; o trabalho nada lhe tinha rendido, e elle pensava sempre que uma desgraça chama outra desgraça, e estas ideias que lhe passavam em tumulto pela cabeça, ainda mais lhe torturavam a alma!

Elle que era sempre recebido pela filha á porta do jardim, d'esta vez ninguem lhe appareceu!

—Que diabo será isto hoje! Disse Manuel da Silva, já pouco satisfeito...

Abriu a porta, não viu ninguem! Correu então ao quarto da filha...

—Maria, Maria, dizia elle já tremulo, de susto.

—Meu pae, disse a filha com uma voz debil, cortada por lagrimas.

Manuel pegando-lhe em uma das mãos:

—Maria, minha querida filha que é isto? que tens? Estás a chorar tanto!!

—Desculpe não é nada, já passa!

—Ha um tempo para cá, andas tão triste, que me desgostas bastante. Bem vês que vivo da tua alegria, do teu bem estar; porque não me contas as tuas dôres? A voz de Manuel da Silva ao dizer estas simples palavras era um balsamo de conforto que só o verdadeiro amor pode dispensar.

—Não tenho nada, são coisas que passam pela cabeça, não é nada...

—Estás-me enganando, lembra-te do que aconteceu á filha do João, que tanto se amofinou, sem querer dizer nada a ninguem, que lá marchou para a outra vida.

—Antes estivesse eu lá...

—Não digas isso. Cada vez estou mais convencido que alguma coisa tens que te dá tanto cuidado. Desde criança a tua vida tem sido sempre embalada com os meus beijos e com o meu amor; és para mim a luz dos meus olhos, tenho collocado a tua alma tão alta para que só Deus a podesse vêr, os teus desgostos recebo-os no coração como se fossem meus, porque não abres a tua alma ao meu amor?

—Meu pae tenho medo...

—Se tens a minha amizade, que te illumina a estrada florida por onde tens andado sempre...

—Mas que eu abandonei...

—Não dilaceres mais o coração de teu pae, anda, conta.

—Contarei; promette-me o seu perdão?

Manuel da Silva olhou para a filha como aterrado, o seu olhar elevou-se até á altura d'um crucifixo que estava na parede fronteira, e lembrando-se quanto Christo soffreu por nós disse:

—Por aquella Cruz te juro, que terás o meu perdão.

—Meu pae, desde pequena, desde que me ensinou a balbuciar as primeiras palavras, dei os meus primeiros passos na estrada da Virtude illuminada pela luz da Fé, assim tenho passado a vida amparada com o seu amor, tão puro como a luz do ceu! Julguei que no mundo todo o amor era assim. Não conhecia as desillusões da vida; abandonei a estrada que meu pae indicou, metti-me por um atalho escuro onde as trevas me rodeavam... amei alguem! Fiei-me nas suas palavras cheias de veneno, e consenti que me desse o primeiro

beijo d'amor... foi este o primeiro passo para a desgraça, agora sinto-me abandonada e para maior desgraça, estou... estou...

Não poude concluir; perdendo os sentidos, cahiu nos braços do pobre pae, que não podia dizer uma só palavra.

.....
.....
.....
.....
.....
.....

Quando os primeiros clarões da madrugada vinham illuminar a abobada celeste, ao longe na estrada ranchos de raparigas passavam para o trabalho, cantando. Manuel da Silva ainda jazia com a filha nos braços.

Quando Maria voltou a si, quasi que não conheceu o pae! Com os olhos fixos na cruz de Christo e com a cara cheia de rugas que as lagrimas ardentes tinham sulcado, os seus cabellos tinham-se tornado brancos!!!

Mas tinha perdoado...

Manhã de maio

«C'était en mai. Le ciel lumineux avait une clarté infinie, mais égale et sans éclat; on aurait dit un ciel blanc sur lequel un voile de tulle bleu aurait tremblé. L'air était pareil l'haleine d'un matin.»

GONCOURT

CORRIA o mez de maio, mez das flôres; em que o tanger dos sinos chama á oração as almas dos crentes e os labios murmuram preces; mez em que a Natureza se veste de rosas para ornamentar o altar da Virgem.

*

Amanhecia.

As nuvens enchiam-se de luz rubra e as estrellas tinham desapparecido como envergonhadas pelos raios do sol; toda a Natureza despertava e

levantava o veo escuro da noite. Um gallo madrugador batendo as azas annunciava n'um cantar estridulo o novo dia.

Era quasi silencio por toda a parte, apenas uma leve brisa fazia balouçar os pilriteiros em flôr, dos atalhos e ribeiros.

*

Lá ao longe, na curva da estrada, uma rapariga com uma pequena trouxa de roupa á cabeça passava em direcção ao rio. Ia cantando; a sua voz de toutinegra dava um colorido mais vivo áquelle quadro campestre, enchendo-o de luz. Cantarolava uma canção que lhe nascera expontanea na sua alma ainda transparente á luz divina illuminada pela alegria da mocidade. Como ella deveria sentir-se feliz cantando de sol a sol, sem cuidados, sem penas!

*

A rapariga passou e as notas avelludadas da sua voz ainda deixaram ouvir os ultimos versos d'uma quadra:

«Tudo torna a renovar
Só a mocidade, não!»

A voz extinguiu-se pouco a pouco, era pura como pura era a sua alma.

*

Tudo cahiu sob o manto do silencio; apenas um ou outro passaro me vinha dar os bons dias n'um chilrar mavioso.

Noite fatal

«Le plus malheureux est celui qui ne sait pas supporter le malheur.»

COQUEREL

I

ERA uma noite de agosto.

A lua illuminava com uma côr azulada os alegres vergeis, enchendo-os d'uma claridade repasssada de tristeza.

Era uma d'essas noites que descem do céu á terra, em que o luar batendo nas pedras brancas dos casaes, dava-lhes o aspecto tetrico dos tumulos; os troncos das arvores desenhavam no sólo sombras phantasticas e os regatos como fitas de prata espreguiçavam as suas aguas tranquillas pelos verdes campos.

Não muito longe da villa á esquerda

da estrada real, meia escondida por um pinheiral estava a casa d'um modesto lavrador d'aquelles sitios — o João Miguel, homem que gosava de grandes sympathias. A familia era pouco numerosa, apenas tinha a mulher conhecida na villa pela Rita do Miguel e d'uma filha Thereza, moçoila de vinte annos, cujos olhos negros aveludados estonteavam a rapaziada do logarejo.

II

Um sino ao longe dava pausadamente oito horas.

Mãe e filha esperavam anciosas a vinda de João Miguel. Por estas duas almas passava um presentimento de tristeza e que occultavam uma á outra.

— Olha, filha, vae á villa, á taberna do compadre, talvez teu pae lá esteja, disse Rita com voz tremula e que marcava claramente o estado de angustia em que estava.

— Valha-me Deus! O meu pae que é tão pontual á hora da ceia!!

Logo que a filha sahiu, a pobre mãe sentindo o coração partir-se de dôr, foi achar remedio para a sua tristeza em uma supplica a S. José seu santo favorito.

III

Esta scena passava-se em uma noite bem triste para esta pobre gente; fazia quatro annos que Thereza dera á luz uma creança fructo d'uns certos amores. . o rapaz para se livrar das garras do pae fugira sem que ninguem podesse mais dar noticias d'elle.

João Miguel, que tinha calado com soluços a deshonra de Thereza quando appareceu á luz a creança, sentindo-se avô, o seu rosto illuminou-se de alegria, e dos labios sahiram palavras de perdão para a filha...

IV

A criança ia crescendo já se sentava no cólo de João Miguel, estendia os braços á roda do pescoço do avô, cobrindo-lhe a cara de beijos.

João Miguel esquecia tudo, passava horas e horas com o neto, estreitando o contra o peito, dando-lhe de comer, brincando com elle horas esquecidas! Era o amor de avô que alli predominava, laço mysterioso!

V

Rita com os olhos rasos de lagrimas olhava para a imagem de S. José, e dos labios sahia uma prece ferverosa que era a synthese d'uma grande dôr regada por lagrimas que sulcavam as faces.

. . . . . .

A porta abriu-se de chofre como por mão de fugitivo e João Miguel entrou. Camisa manchada de sangue, elhos esgaseados, cabello hirto!! Rita quasi que o não o conheceu! Não podendo articular palavra, amparada ao oratorio olhava para o marido como se fosse um sonho o que ella via diante de si!

—És tu, João?! Disse Rita a medo.

—Sou eu, matei-o . . . mateio . . . agora mesmo . . .

—Meu Deus, o que estás a dizer?!!!

—O malandro que abusou da nossa filha.

—Meu Deus, meu Deus, que grande crime cahiu sobre a nossa familia!

—Onde está Thereza?

—Que queres tu da nossa filha.

—Quero eu proprio contar-lhe como me vinguei!

—A desgraça está sobre nós; valha-me Virgem Santissima.

—Responde, onde está Thereza?

—Mandei-a á villa á taberna do compadre á tua procura.

—Mentes, mulher! Vocês sabiam da chegada d'esse canalha!

Como estas palavras abriram chagas no coração da pobre mulher!

—João, pelo amor que nos uniu perante o altar de Deus, te juro que digo a verdade; Thereza já não tarda... olha... escuta... sinto passos... é ella, é ella, não lhe faças mal, lembra-te que já lhe perdoas-te, pelo nosso neto te peço.

VI

Era effectivamente Thereza. Quando deu com os olhos no pae, ficou como petrificada não podendo dizer uma só palavra!

Foi um curto momento em que tres almas soffreram dôres differentes!

João Miguel olhava para Thereza e para Rita, sentia a cabeça como um vulcão, toda a vingança que elle tinha calado na consciencia durante quatro annos tinha-se realisado n'aquella noite.

Noite fatal para aquella pobre gente!

—Meu pae, disse Thereza, cahindo de joelhos, não olhe assim para a sua querida filha, não veja ainda em mim a filha impura, a desgraçada.

—Levanta-te, disse João Miguel agarrando-lhe por um braço, não... não... sou eu que peço perdão... a desgraça cahiu sobre esta casa, teu pae é um... assassino!

—Meu pae... que está dizendo?!

—Escuta. Fui hoje avisado que esse canalha rondava outra vez a nossa porta, senti o meu coração bater com tal valentia, que só Deus o sabe! Sahi logo ao cahir da tarde, esperei-o ali no pinhal, no pinhal de Antonio da Fonte, as horas que passei pareciam-me sem fim! A noite veio, o luar batia na estrada e eu esperava! esperava! Poucos momentos são passados quando um vulto atravessa a estrada, pareceu-me elle; sahi então do pinhal passei-lhe adiante para o ver bem, o luar dava-lhe na cára, era elle, era elle!! Atirei-me, luctámos como leões, cravei-lhe no pescoço as unhas, depois... cahimos juntos, os ossos estalavam, como só d'elle existisse o esqueleto e a minha raiva a augmentar cada vez mais; então quando o senti

bem preso, cravei-lhe a minha faca umas poucas de vezes, a carne rasgava-se e eu a cortar, a cortar, só via sangue e mais sangue... só o deixei quando o vi bem morto...

João Miguel deu uma gargalhada e approximando-se da janella:

—Vem Thereza, vem vêr, como tudo isto é mentira... é mentira... está vivo, elle ahi vem para te ver outra vez e casar comtigo.

João correu para a porta, mas as pernas vergaram-se-lhe e cahindo sobre um banco começou a rir, a rir muito!!

O velho da montanha

«Ego sum pauper et dolens:
salus tua, Deus, suscepit me.»
Do Psalmo LXVIII

I

Tinha noventa e sete annos o pobre velho!

Lembro-me ainda com saudades d'esse dia que estive n'aquella aldeia.

Todos os que por aquelles sitios passavam subiam á montanha, quer para o conhecer, quer para o visitar de novo e trazer-lhe novas do mundo em que elle d'antes vivia...

Na mesma noite em que cheguei áquella terra, a primeira pergunta que me fizeram foi se conhecia o *velho da montanha,* e como ficasse admirado com esta interrogação tão inesperada e repentina a dona da hospedaria a

Ti-Joanna, que era assim conhecida, acrescentou logo:

—Ah!, senhor, aquillo é um santo! Não deixe de o ir vêr, a vida d'elle é um mysterio, sabe o senhor, tem feito muitas curas lá com umas certas hervas que apanha, e tem palavras de conforto para todos que soffrem. Não deixe de o ir vêr...

Via-se na phisionomia da Ti-Joanna tal affirmativa no olhar que me despertou um certo interesse e curiosidade a historia d'esse pobre velho, que tão estimado era.

—Mas quem é esse homem, que vive assim na montanha?

—Ao certo será um pouco difficil, pelo menos eu não sei, e não acredito que as outras do logar saibam mais do que eu... foi talvez ha dez annos que veio para aqui. Foi por uma noite de trovoada, ainda me lembro como se fosse hoje! a chuva cahia a cantaros e os trovões estalavam com tal força que o senhor não faz uma ideia! Vinha todo roto, bateu ás portas, e como ninguem quizesse dar-lhe agazalho julgando ser algum ladrão, dormiu essa noite n'um curral, que ha ali adiante ao sahir do logar; no dia seguinte foi para a montanha lá fez uma

choupana e d'ahi para o futuro nunca mais sahiu de lá...

—Mas não tem ninguem de familia? Perguntei eu, interessando-me um pouco pelo velho.

—Dizem que não, pelo menos nunca appareceu ninguem.

—É muito longe d'aqui?

—Não senhor, ao sahir do logar, ha uma pequena fonte, em chegando ahi, toma á sua direita por um atalho e pouco mais terá que andar, ainda o que tem de peor é a subida da montanha.

—Visto o que me conta, ámanhã irei vêr esse homem mysterioso.

—Vá, vá não deve faltar.

Assim me despedi da Ti-Joanna e entrei no meu quarto. Francamente com um certo riso de incredulidade das palavras que acabava de ouvir.

II

Quando o relogio deu pausadamente as seis horas, já eu estava ha bastante tempo acordado.

As estradas já tinham um certo movimento, ouvindo-se claramente o vozear da gente que ia para o trabalho. Logo que abri a janella do meu quarto,

respirei o bello ar da manhã embalsamado de perfume das flôres campestres.

Como me sentia feliz n'aquelle momento!

Uma voz de rapariga chegou aos meus ouvidos, fresca como a agua das fontes, aproximava-se pouco a pouco, debrucei-me na janella para a vêr melhor; era alta, esguia, cabello farto e negro, e com uns olhos que faiscavam caricias d'amor. As notas suaves da sua fresca voz, pintavam em melodias ternas uma trova popular, já muito conhecida, mas que nascida dos seus labios, revelava talvez segredos da sua alma. .

«Puz-me a chorar saudades
Ao pé da agua que corre,
A agua me respondeu
Quem tem amores não dorme.»

Segui com a vista a rapariga até desapparecer de todo lá ao longe na estrada, e pensei na sua felicidade, cantando talvez, desde o despontar da aurora, aquella canção popular aprendida dos labios da mãe quando esta a balouçava nos braços durante as longas noites de inverno...

III

Veio-me outra vez á mente o *velho da montanha,* e como a belleza da manhã me tivesse a convidar, resolvi ir visita-lo, fallar um pouco com elle...

Quando me puz a caminho o sol já brilhava com todo o seu esplendor. Os alegres vergeis verdes de esmeralda, recebiam a dourada luz do sol, fundindo ao seu calor as gottas de orvalho que estavam nas folhas das arvores brilhando como diamantes. Todo aquelle meio despertava ao meu espirito um mundo novo!

As vozes dos trabalhadores que andavam ao longe nos campos, aves que cruzavam os ares piando, um cão que ladrava á minha passagem, o vento que fazia ranger os topos dos pinheiros, o murmurio das fontes, tudo despertava em mim, um bem estar mysterioso, ao meu sentir!

Quanto mais subia a montanha mais deslumbrante era o panorama; as casas brancas da aldeia no meio d'aquelle montão de verdura, e rodeadas de alegres pomares, cujos fructos dourados davam á téla campestre um collorido cheio de suavidade,

assemelhavam-se a moradias de princezas que vivessem reconditas n'aquellas paragens solitarias.

Pouco tive mais que andar para avistar e chegar á choupana do velho.

Estava á porta quando cheguei. O rosto côr de cera, era rugoso como pergaminho antigo; os olhos traduziam em um olhar quebrado, as chagas do soffrimento.

A sua longa barba branca dava-lhe um aspecto de apostolo, cheio de uncção e mysticismo...

Recebeu-me com um franco sorriso nos labios, e estendendo as duas mãos apertou as minhas por longo tempo, e com voz melliflua disse-me:

—Entre meu caro senhor, é a choupana d'um pobre, n'estas alturas estou mais perto do ceu...

Entrámos.

—Tem vivido sempre aqui? Perguntei eu, fingindo ignorar a historia da sua chegada.

—Não senhor! Vim para aqui ha annos; cheguei a esta terra em uma noite de grande temporal, os trovões ribombavam, e os raios cruzavam-se como fitas de fogo no ar. Pedi abrigo ninguem me quiz receber, dormi então em um curral... que noite santo

Deus!! Logo ao romper d'alva puz-me a caminho, a montanha coberta de neve, muito branca, como uma noiva, parecia que me chamava... fiz-lhe a vontade para aqui vim...

—Mas como póde viver n'este isolamento continuo?!!

—É como vivo melhor, as dôres abrem no coração chagas tão fundas que só as lagrimas e as orações as pódem consolar, e é na solidão que as préces se ouvem melhor no ceu.

—Que grande desgosto soffreu a sua alma, para poder pensar assim!!

—A minha vida se teve ao principio a doçura da luz da aurora, em breve fui escurecida pelas sombras negras da tristeza. Para quê, contar a minha vida? É necessario encontrar alguem, que tenha soffrido tambem, para que nos possa comprehender a nossa dôr!

—Não diga isso, as grandes almas, as que sabem soffrer, são um ensinamento ás outras, ás fracas... creia que tinha um grande interesse em conhecer a origem do seu soffrer. Sabe melhor do que eu, que as dores que se calam annos e annos são as que deixam sulcos mais fundos na existencia do individuo.

—Desde os dez annos fiquei sem pae nem mãe, filho unico, só no mundo, aprendi no bem e no mal do proximo a norma da minha vida. Pobre, sem o agasalho do lár, corri terras esmolando, dormi muitas e muitas noites sobre rochas escarpadas sem um queixume! estava na primavera da vida, sabia pouco o que era o soffrer, apenas conhecia a saudade dos meus paes!

Assim vivi como vagabundo annos e annos, detestava a humanidade, cheguei a rir das desgraças dos outros, e as minhas ideias de revolta que enchiam de chamas o cerebro, calava-as no meu peito, tinha receio de as expôr, cheguei a ser cobarde do meu pensamento. Foi então que encontrei para amparo da minha vida uma mulher, que tendo compaixão de mim, quiz ser minha companheira na desgraça! Casei-me. Essa mulher era uma santa! O seu doce olhar, a sua voz, era um balsamo á minha dôr, sentia-me feliz, trabalhavamos de sol a sol, cheios de coragem, e os dias pareciam pequenos! D'ahi a mezes, nasceu uma filha, era um anjo cahido do ceu; mais feliz se tornou a minha vida, via n'ella o re-

trato da mãe, todo o meu ser! Era a fiel imagem dos meus beijos, dos meus abraços, do meu amor... mas... a felicidade é uma nuvem passageira, desfaz-se como o fumo, a minha santa mulher, principiou a emagrecer pouco a pouco, a não comer, e um dia, estreitando muito a filha nos braços, despediu-se d'este mundo, morrendo como a avezinha na pennugem do ninho. Restava-me só a minha querida filha, unico vestigio da felicidade! Pedia a Deus, que a não levasse tambem, uma voz interior me dizia, que mais soffrimentos cahiriam sobre mim. Ao cabo de cinco annos, morreu nos meus braços, não podia crêr, beijei-a muito, muito, julgando que estava a dormir, mas o seu corpinho estava tão frio!! Dei-lhe mais beijos, levantei-a nos braços, estreitei-a contra mim, queria fundir-me com ella, mas a sua alma já estava muito longe, não lhe podia dar vida! Chorei, horas, dias, mezes, annos, pobre criança! Deus fez bem, quiz mais um anjo no ceu... foi então que achando-me só outra vez no mundo, encontrei na oração o meu unico allivio! Corri ainda muito mundo, semeando o bem que podia, os meus cabellos embranqueceram-se ao bafo

da desgraça, da fome e da sêde, fugia de todos, encontrando apenas na solidão o remedio para o meu mal .. aqui está em poucas palavras resumida a triste historia da minha vida, todos a conhecem e poucos a percebem porque só uma dôr póde perceber outra dôr...

Quando disse estas palavras, vi claramente que dentro d'aquelle corpo franzino estava uma grande alma; duas lagrimas deslisaram pela face rugosa do pobre velho, e os labios balbuciaram uma pequena préce, talvez por alma d'aquelles entes que elle tanto amava!

.....

.....

.....

Quando desci a collina, o sol espargia pelos valles os seus dourados raios, enchendo-os de uma luz quente, vivificante!

Quando á noite á luz frouxa d'uma candeia contei á Ti-Joanna a minha visita ao *velho da montanha,* via-a chorar, é que a historia do pobre velho enchia-a de tristeza toda aquella gente, para elles era um mysterio aquella vida, quando apenas era uma pagina do livro da Dôr Humana!

Maria das Dôres

«Il y a un tragique quotidien qui est bien plus réel, bién plus profond et bien plus conforme á notre être veritable qui le tragique des grandes aventures.»

MAETERLINK

JÁ lá vão tantos annos e parece-me que foi hoje!!

E lembro-me d'esses tempos com bastantes saudades!

É que ao recordarmo-nos das coisas do passado a nossa alma parece illuminar-se de uma luz alegre, embora o facto seja ás vezes um pouco triste.

Maria das Dôres! era assim que ella se chamava, pobre rapariga!... só o nome indica qualquer coisa de triste, que nos corta o coração; era

conhecida em todas as aldeias por onde passava em companhia de seu pae, um pobre velho conhecido ha muitos annos por aquelles sitios pelo Antonio *Tocador;* uma longa existencia cheia de desgostos e dôres tinha-lhe enchido a face de profundas rugas e branqueado a cabeça de innumeros cabellos brancos.

Para elle o resto da sua vida estava n'aquelle ente adorado, fructo da sua vida d'amor, aquecido pelo calor da amizade—a filha!

Maria das Dòres alliava a um physico agradavel, uma alma pura e ingenua, limpido crystal illuminado pela luz clara da virtude e da innocencia! Para ella toda a sua existencia estava synthetisada n'aquelle pobre velho... e todos que encontravam o par encantador, a caminhar em dias de verão em plena soalheira pelas estradas e atalhos, ou no inverno trémulos de frio, viam a verdadeira imagem do amparo da mocidade á velhice.

Quando se approximavam d'alguma aldeia, ainda elles vinham ao longe já o rapazio desenfreado gritava «*olha, olha, venham ver, lá vem a Maria das Dôres, chega hoje o Antonio Tocador*». Era uma alegria para todos.

Chegavam á aldeia.

Maria das Dores cantava, e o pae dedilhava nas cordas da viola, um acompanhamento triste.

As canções da filha, traduziam o estado da sua alma, eram cantigas vibradas por um coração escurecido pelo veo da miseria; as notas da sua voz eram um rozario de lagrimas que ella espalhava e era raro aquelle que não chorasse quando a ouvia cantar! Eram melodias puras e sentidas que sahidas da alma e tangidas no coração vinham como desafiar os cantos das aves que chilravam nos troncos das acacias em flôr. Os seus gorgeios acompanhavam as canções de *Maria das Dòres,* dando-lhes um vislumbre de alegria muito leve... muito leve...

O seu rosto parecia que se illuminava, os seus olhos brilhavam, os seus labios sorriam. Era um botão de rosa a desabrochar, era a pureza da alma a revelar-se atravez da innocencia!

Todas as vezes que Maria acabava de cantar, duas lagrimas ardentes como fogo deslisavam pela face do pobre velho, eram o symbolo da sua vida.

Quando ao cahir da tarde deixavam a aldeia todos diziam:

—Quando voltas, *Maria das Dôres?*

Ella olhava e respondia em breves palavras que resumiam todo o seu futuro.

—Não sei... talvez nunca... e apertava com mais força o braço do pae.

INDICE

Julia do Moinho 7
João Verdades..... 87
O Mendigo..... 91
Drama intimo 95
Manhã de maio..... 101
Noite fatal 105
O velho da montanha..... 113
Maria das Dôres..... 123

PQ
9261
P56S24

Pinto, Alfredo
Scenas d'aldeia

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 04 15 022 1